

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
BACHARELADO EM LINGUÍSTICA

EMERSON MATHEUS LUCHESI

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ENTRE O DESCONHECIMENTO E O
NEGACIONISMO.**
UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS EM REDE SOCIAIS

SÃO CARLOS

2022

EMERSON MATHEUS LUCHESI

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ENTRE O DESCONHECIMENTO E O
NEGACIONISMO.**

UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS EM REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras para a obtenção do título de Bacharel em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho.

São Carlos

2022

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ENTRE O DESCONHECIMENTO E O
NEGACIONISMO.**

UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS EM REDES SOCIAIS

Emerson Matheus Luchesi

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Linguística pela Universidade
Federal de São Carlos.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Membro da Banca

Prof.^ª Dra. Luciana Nogueira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me sustentar e me conduzir ao longo dessa caminhada formativa. À Virgem Maria - em minha região intitulada como Nossa Senhora Aparecida da Babilônia - pelo amparo, proteção e intercessão nos momentos de aflição, de incertezas e de desânimo.

Agradeço à minha família, meus pais, irmãos, avós, sobrinhos e amigos por todo apoio. Agradeço ao professor Pedro Varoni pela disponibilidade em orientar-me durante o período de construção deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho pretendeu identificar e apresentar as manifestações e as possíveis regularidades do preconceito linguístico em comentários de redes sociais diante de dois vídeos que tratam da linguagem popular falada no português brasileiro, através de abordagens do conhecimento científico da língua(gem). Os comentários analisados foram submetidos a uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, na intenção de identificarmos suas regularidades. Revelou-se desse modo, que o preconceito linguístico está ligado em boa parte ao desconhecimento da ciência linguística, porém se destacam na pesquisa manifestações alinhadas ao negacionismo desta ciência. O trabalho se fundamenta nos estudos de Bagno (2015) e Scherre (2005) acerca do preconceito linguístico, e de abordagens com ênfase na área da Sociolinguística através dos trabalhos de Alckmin (2012), Coelho *et. al* (2015), Mollica e Braga (2013), entre outros.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Ciência Linguística. Negacionismo. Redes Sociais.

ABSTRACT

The present work intended to identify and present the manifestations and possible regularities of linguistic prejudice in social network comments on two videos dealing with the popular language spoken in Brazilian Portuguese, through approaches of the scientific knowledge of language. The analyzed comments were submitted to a descriptive research of qualitative approach, with the intention of identifying their regularities. It was thus revealed that linguistic prejudice is connected to a large extent to the ignorance of linguistic science, but manifestations aligned with the negation of this science stand out in the research. This work is based on the studies by Bagno (2015) and Scherre (2005) on linguistic prejudice, and on approaches with emphasis on sociolinguistics through the work of Alckmin (2012), Coelho *et al* (2015), Mollica and Braga (2013), among others.

Keywords: Linguistic Prejudice. Linguistic Science. Negationism. Social Media.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	11
2.1 GRAMÁTICA NORMATIVA, NORMA-PADRÃO E NORMA CULTA	14
3 A CIÊNCIA LINGUÍSTICA	18
3.1 O FUNCIONALISMO E O GERATIVISMO	21
3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA	22
3.2.1 O português brasileiro: diversidade e variação	25
3.2.2 Variação e mudança linguística	27
4 OS DISCURSOS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS	31
4.1 O NEGACIONISMO NO ÂMBITO DA LINGUAGEM	32
4.2 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	34
4.2.1 Seleção dos materiais para extração do corpus	34
4.2.2 Descrição dos materiais	35
4.2.3 O corpus de análise	39
4.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE DO CORPUS	39
5 ANÁLISE DOS DADOS	41
5.1 COMENTÁRIOS VÍDEO 1	41
5.2 COMENTÁRIOS VÍDEO 2	45
5.3 ANÁLISE DAS REGULARIDADES	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana sempre foi alvo de investigações e de estudos, pois despertou e ainda desperta no homem o interesse, a curiosidade e a necessidade de analisá-la. Ela carrega em si o poder da comunicação, da expressão e da subjetividade de cada sujeito. Porém, a língua, ou melhor, a maneira como o ser humano a utiliza também se tornou alvo de preconceito, intolerância e discriminação. Como uma das várias formas de praticar o preconceito social, a língua e a linguagem também são alvos de julgamentos, rejeições e de condenáveis formas de dominação e repressão, pois a linguagem é uma das principais formas de revelar a identidade de um povo e a peculiaridade de cada ser humano.

Infelizmente em nossa sociedade se fazem presentes diversos tipos de preconceitos, o linguístico, por sua vez, embora muito comum, se mostra camuflado, pouco visibilizado e combatido. É no ambiente virtual que o preconceito linguístico encontra terreno fértil para a sua propagação, embora esteja presente nas mais diversas situações do cotidiano. É curioso e ao mesmo tempo inadmissível pensarmos que um indivíduo fazendo uso de seu idioma materno em qualquer tipo de situação, através da fala ou da escrita, seja julgado, discriminado, menosprezado, ou ridicularizado por conta de sua expressão linguística, porém essa é uma realidade que merece atenção a fim de ser combatida e extirpada do nosso meio.

Sabemos que o português falado no Brasil carrega uma grande diversidade produzida por diversos fatores, fazendo com que a língua carregue uma variação surpreendente, e por esse motivo seus estudiosos o chamam de português brasileiro (PB)¹, em razão das especificidades da língua brasileira que se difere marcadamente do português de Portugal, o português europeu (PE), sobretudo na modalidade da fala. Tal caracterização presente no português brasileiro tem sido objeto de estudos de linguistas que investigam as variações presentes na língua falada, mas que também ocorrem na escrita, no vocabulário e na sintaxe.

Por essa razão, a diversidade principalmente na fala produz o julgamento e o preconceito por parte daqueles que não sabem ou negam a variedade presente no idioma. Porém, se sabe que o conhecimento produzido pela ciência linguística é capaz de analisar, descrever e explicar os fenômenos que se manifestam na linguagem, inclusive a fim de combater os julgamentos direcionados às formas de variação linguística, e de seus falantes.

Nesse sentido, o presente estudo se debruça sobre a questão do preconceito linguístico manifestado no ciberespaço, exclusivamente diante de materiais de cunho jornalístico e de divulgação científica que abordam a linguagem popular através do viés do conhecimento

¹ BAGNO, Marcos. Português ou brasileiro? um convite à pesquisa. Parábola Editorial. São Paulo: 2001.

produzido pela ciência linguística. Tal estudo é pertinente por se tratar de uma questão social que deve ser entendida e combatida, além de propiciar a reflexão, o conhecimento e a dimensão do problema, evidenciando o que há por trás dele.

A questão central que norteia o trabalho se refere em como o preconceito se manifesta diante dos materiais que abordam a linguagem popular alinhada ao conhecimento científico da linguagem, analisando o que há por trás desses discursos. Desse modo, faz-se necessário investigar e analisar como esse tipo de preconceito se manifesta e identificar as suas regularidades, além de observar a percepção que certos falantes do português brasileiro têm da variação presente no idioma, como também da ciência da linguagem.

A motivação da pesquisa se respalda na hipótese de que há duas características que motivam o preconceito linguístico. A primeira é o desconhecimento das teorias que tomam a língua como fato social, sujeita a variação e mudança. E a segunda é o que propomos chamar de negacionismo linguístico, ou seja, pessoas que detêm o conhecimento sobre a ciência linguística, mas não a reconhecem como legítima.

Para a formulação desta hipótese, nos respaldamos em Bagno (2015), que em seu livro *Preconceito linguístico* afirma que, a seu ver, as atitudes dos não especialistas da área da linguagem em achar que a língua se encontra em “crise”, e que nesse sentido apontam para o preconceito linguístico, se dão em duas razões: a ignorância científica, que seria o desconhecimento da Linguística, e o que ele designa como “desonestidade intelectual”, isto é, a pessoa sabe sobre o conhecimento científico da linguagem, porém finge não conhecer.

Nesse sentido, propomos identificar duas razões para a manifestação do preconceito linguístico: o desconhecimento da ciência que se ocupa dos fenômenos da língua, que reduz a visão de língua aos aspectos gramaticais normativos, e a negação do conhecimento linguístico, que nega a ideia de transformação e evolução das línguas cientificamente e empiricamente comprovadas, ou seja, neste postulado o indivíduo conhece os estudos acerca dos fenômenos da língua, tais como a diversidade, a variação e a mudança, porém os nega.

Neste trabalho, adotaremos a concepção de negacionismo para posições que negam o conhecimento produzido pela ciência. Visto que o negacionismo científico tem tomado grandes proporções, a pesquisa objetiva identificar indícios desse negacionismo no âmbito da ciência da linguagem. Sabe-se que o negacionismo é a negação daquilo que é evidente e comprovado cientificamente, o termo tem se tornado popular nos últimos anos por conta de sua propagação através dos ataques à ciência gerando desinformação, teorias ideológicas e conspiratórias que desmerecem e deslegitimam o conhecimento científico. Ao refletirmos

sobre o preconceito linguístico, propomos analisar a relação entre o desconhecimento da ciência da linguagem e possíveis posições negacionistas nos comentários analisados.

Para a constituição do corpus da pesquisa foram selecionados, no ambiente virtual, comentários de internautas que carregam indícios de preconceito linguístico, bem como, em alguns casos, a negação do conhecimento da ciência da linguagem em materiais audiovisuais que abordam as variedades presentes na linguagem popular, juntamente com o olhar científico próprio dos estudos linguísticos. Nosso corpus de pesquisa com os devidos comentários caracterizados como discursos preconceituosos e negacionistas foram extraídos de duas plataformas, um material se refere a um vídeo publicado no *Youtube* e outro produzido e exibido por um canal de televisão aberta, porém o conteúdo e seus respectivos comentários se encontram publicados na rede social *Facebook*.

O primeiro material selecionado é um vídeo intitulado *Quando se trata de português falado, não existe certo e errado*, do linguista e professor Ataliba Teixeira de Castilho, que se encontra no canal do *Youtube* da revista “Pesquisa FAPESP” (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). O vídeo da referida revista traz uma abordagem mais concisa sobre as construções da linguagem falada em sua forma popular. Para essa exposição, o linguista Ataliba Teixeira de Castilho é quem protagoniza o vídeo, trazendo o olhar científico e bem humorado com claras e sucintas explicações sobre o tema.

O segundo material trata-se de uma série de reportagens produzida pelo Jornal Hoje da emissora de televisão Rede Globo intitulada *A língua que a gente fala*. A série de vídeos aborda a língua falada nas ruas, ou seja, trata-se da linguagem popular falada pela maioria dos brasileiros no dia a dia em sua forma espontânea. Além de ser abordado o que se fala no cotidiano, alguns dos episódios da série trazem para debater o tema dois grandes linguistas brasileiros: Rodolfo Ilari e Ataliba Teixeira de Castilho. A reportagem foi reproduzida em uma página do *Facebook* chamada *Dalíngua Portuguesa*, de onde extraímos os comentários. A página foi criada por uma profissional de Letras, com o intuito de compartilhar dicas de português, de leitura e sobretudo a respeito das regras da ortografia.

Para a análise, apresentaremos os comentários em forma de *print* e analisaremos com base nos estudos realizados sobre o tema preconceito linguístico do autor Marcos Bagno (2015) e Scherre (2005), bem como através das contribuições dos estudos da Sociolinguística com foco na variação e mudança dos autores Lucchesi (2004), Alckmin (2012), Mollica e Braga (2013) e Coelho *et. al* (2015).

A seguir, no decorrer das próximas páginas, desenvolvemos os conceitos centrais da pesquisa através das definições e abordagens do preconceito linguístico à luz do trabalho de

conceituados autores, na sequência trazemos as abordagens da ciência linguística bem como a área em que se dedica os estudos da variação e mudança linguística, a Sociolinguística. Posteriormente o tema do discurso e interação do ciberespaço serão tratados, bem como a abordagem do desconhecimento e negacionismo por parte dos internautas a respeito da ciência linguística, além da apresentação do corpus seguido de análise. Por fim, propomos apresentar os resultados e reflexões a respeito da pesquisa por meio das considerações finais.

2 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O termo “preconceito”, segundo o minidicionário Aurélio, significa “ideia preconcebida. 2. Suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.” (FERREIRA, 2010, p. 605). Infelizmente tal ideia preconcebida que gera intolerância e aversão engloba outras questões da prática humana, inclusive a linguagem que é algo específico, imanente e característico de cada ser humano, que conta com aspectos e traços do perfil social de uma dada comunidade linguística a qual pertence. Isto é, podemos afirmar que o preconceito linguístico é um dos vários tipos de preconceito que atinge a identidade do ser humano, afetando aquilo que ele tem de mais particular.

Segundo a professora e pesquisadora Maria Marta Pereira Scherre, em uma entrevista concedida sobre o assunto preconceito linguístico, o define como sendo “o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro (embora o preconceito sobre a própria fala também exista)” (ABRAÇADO, 2008, p. 12). Para Scherre, o preconceito linguístico está relacionado à língua falada, se manifestando nos julgamentos depreciativos, desrespeitosos e jocosos dos usuários das línguas e das variedades existentes nas línguas (ABRAÇADO, 2008, p. 12). Porém, também se verifica que em muitos casos e em meios específicos, tal prática também abrange a modalidade escrita.

O preconceito linguístico é uma forma de discriminação em relação à linguagem própria da comunicação e expressão de uma pessoa, ou seja, o preconceito envolve o fato de julgar, discriminar, excluir ou menosprezar a linguagem de um indivíduo, seja ela oral ou escrita. Tal forma de preconceito é tão nociva quanto às demais, pois atinge e fere a individualidade de cada sujeito que carrega em si o domínio de sua própria língua materna. Sobre isso nos afirma Scherre (2005):

Em nome da boa língua pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor (SCHERRE, 2005, p. 43).

Esse tipo de preconceito advém do entendimento do senso comum, de que só a linguagem fiel à gramática normativa é correta e aceitável, ou seja, há um entendimento errôneo de que só há uma língua íntegra e digna ser chamada de Língua Portuguesa. Nesse sentido, as demais formas de expressões de língua materna que se “desviam” do que prescrevem as gramáticas são estigmatizadas e tachadas como “incorretas” e “feias”.

Como esclarece Bagno (1999):

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. (BAGNO, 1999, p. 9)

Diante da rica diversidade linguística presente no português brasileiro, o preconceito linguístico se firma, ganha espaço e se propaga nos mais diversos modos e meios, pois o mesmo, através de seus adeptos, objetiva defender uma língua dita pura e imutável, o que na realidade não existe e nunca existirá. Isso cabe a todas as línguas, não há línguas uniformes e homogêneas, as línguas são heterogêneas e apresentam nítidas e comprovadas variações nas mais diversas formas e níveis estruturais (BAGNO, 2015).

Alguns dos principais “erros” e “desvios” condenados pelos gramáticos e pelas gramáticas, se encontram predominantemente na língua falada, na linguagem popular, na fala espontânea do dia a dia dos falantes, e estão presentes nos diversos níveis estruturais da língua (sintático, morfológico, fonológico, lexical, semântico, discursivo). Os mais comuns são: a falta de concordância nominal e verbal (os livro; as casa), (os menino foi; eles trabalha), bem como formas de pronúncia estigmatizadas e variações lexicais em certas regiões, como por exemplo, os traços fonéticos que caracterizam determinados sotaques mais marcantes (o nordestino, por exemplo), tal como o “r” retroflexo chamado de caipira (poRta, poRtão), além das redundâncias e marcadores discursivos, entre outras diversas características presentes no falar popular que são alvos de preconceito e discriminação, mas que são características que não impossibilitam, nem interrompem a comunicação entre os falantes, muito menos deterioram o idioma, como pensam e defendem alguns puristas da língua.

Tais variações inerentes às línguas envolvem muitos fatores, dentre eles sociais, históricos, culturais, geográficos, entre outros. Embora essa realidade das línguas seja comprovada e analisada cientificamente pela Linguística e mais especificamente pela Sociolinguística - área que se interessa pelas relações entre a linguagem e a sociedade, em que a variação linguística é um aspecto essencial -, muitos falantes não a admitem pelo fato de acharem que a verdadeira língua, “bonita” e “correta” é a que envolve plenamente as regras gramaticais, ou seja, a famosa confusão destacada por Bagno (2015) que acomete a muitas pessoas: confundir a língua com a gramática.

Sustentar essa ideia e concepção de língua, embora equivocada e incoerente, tem acarretado a disseminação da prática do preconceito linguístico por parte daqueles que

restringem a língua somente aos aspectos normativos, pois quando se deparam com a diversidade e a variabilidade da língua que não se encaixam às regras gramaticais, chamadas variedades estigmatizadas, surgem os problemas que afetam a aceitação, a tolerância e o respeito que são indispensáveis a qualquer tipo de diferença. Como postulam Scherre (2005) e Bagno (2015), ainda há o preconceito sobre a própria língua, quando o indivíduo rotula a própria linguagem como sendo “feia” e “errada” e quando acredita no mito de que não sabe falar direito a própria língua e que seu próprio idioma é muito difícil de ser “aprendido”.

Não aceitar, julgar, ridicularizar, menosprezar e desrespeitar num modo geral ou em partes a forma de falar e de escrever de um falante da mesma língua, evidencia a proporção do preconceito social existente em nossa sociedade devido ao fato de existirem graves diferenças socioeconômicas entre falantes de variedades estigmatizadas e das prestigiadas, como bem afirma Bagno (2015), pois bem se sabe que o preconceito linguístico está relacionado ao preconceito social, sobretudo na íntima ligação existente entre o cenário linguístico e socioeconômico do nosso país, uma nação com um alto índice de exclusão social, com milhões de analfabetos e semianalfabetos e uma diversidade linguística gigantesca desvalorizada sobretudo através do ensino tradicional de língua materna.

A questão que se afirma é comprovada pelo fato dos falantes das variantes com menos prestígio social serem aqueles das classes mais baixas, desfavorecidas economicamente e evidentemente menos escolarizadas, (pobres, analfabetos, semianalfabetos, moradores de periferias e das zonas rurais), com pouco ou nenhum conhecimento das variantes de maior prestígio, que tentam seguir, ou pelo menos se aproximam das regras impostas pelos manuais de gramática. Em contrapartida, falantes que detêm o domínio da língua dita culta, as chamadas variantes de maior prestígio social, são, em sua maioria, pessoas mais escolarizadas de classes sociais mais favorecidas que tiveram um maior contato com as normas gramaticais durante o ensino escolar (BAGNO, 2015), e possivelmente através de um ensino superior.

Nesse sentido, o preconceito linguístico ganha força através do equívoco que se instala na concepção de que a gramática normativa dita as regras da linguagem, e em seus moldes se constitui a língua pura, perfeita, bonita e oficial de qualquer idioma, e que somente quem domina as regras da gramática possui o conhecimento pleno da língua. E toda linguagem que se desvia de suas prescrições são encaradas como formas erradas e feias que deterioram e degeneram a língua, sendo automaticamente estigmatizadas e alvo de um preconceito descabido. Sobre essa questão, Bagno (2015) destaca:

O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, *a gramática normativa é decorrência da língua*, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um *instrumento de poder e de controle social, de exclusão cultural*, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. (BAGNO, 2015, p. 94, grifos do autor)

O desconhecimento das variedades linguísticas e da ciência linguística que estuda e descreve os fenômenos da linguagem humana, bem como a negação de todo o conhecimento produzido pela Linguística, não justificam a prática do preconceito linguístico, tampouco são motivos para julgar a fala e a escrita que se diferem por várias circunstâncias. Sabemos que o fenômeno do preconceito linguístico tem seus primeiros passos no ensino escolar, quando o aluno se depara com o ensino gramatical que muitas vezes exclui as abordagens das variações da língua, muitas delas vivas e fortes no falar dos aprendizes, gerando um abismo entre eles - os falantes de variedades estigmatizadas - e da língua idealizada pela gramática.

A prática do preconceito linguístico fere a individualidade do outro, pois atinge o que o ser humano carrega de mais particular: o domínio de sua língua materna e sua forma específica e única de se expressar. Dessa forma, assim como qualquer outro tipo de preconceito, deve ser debatido e plenamente combatido desde suas raízes. A linguagem não pode ser instrumento de preconceito, nem de exclusão e nem de dominação, como afirma Scherre (2005):

Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (SCHERRE, 2005, p. 44).

Nesse sentido, a língua(gem) deve ser instrumento de igualdade, de possibilidade de comunicação e expressão do ser humano que a utiliza, a domina e a torna viva e dinâmica.

2.1 GRAMÁTICA NORMATIVA, NORMA-PADRÃO E NORMA CULTA

Muito se ouve falar sobre gramática normativa durante o período escolar, nas aulas de Língua Portuguesa tal mecanismo de ensino se faz presente como um instrumento indispensável para se “ensinar a língua”. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2010), a gramática é o “conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da

língua escrita e falada”, sendo assim, a gramática normativa dita as regras da fala e da escrita como se fosse um manual a ser consultado para se utilizar uma linguagem “ideal” e “correta”.

Segundo Bagno (2015), a gramática surgiu na Antiguidade Clássica grega, significa “a arte de escrever”, tendo como principal objetivo investigar as regras da língua escrita e com isso preservar as formas consideradas “corretas” da língua literária. E como destaca Bagno (2015, p. 86), “infelizmente, essas mesmas regras da língua literária começaram a ser cobradas da língua falada, o que é um disparate científico sem tamanho!”.

Como se observa no ensino escolar, a gramática normativa é confundida muitas vezes como o único e eficaz meio de se “ensinar a língua”, gerando a concepção de que só se “aprende” determinada língua - a materna de cada indivíduo - através das normas gramaticais, ou seja, através do ensino gramatical. Contudo, como já exposto, se trata de uma grande confusão que só potencializa a ideia de que muitos “não sabem falar português” e que o “português é uma língua muito difícil”. Isso tudo por conta das abordagens maçantes no que se referem às análises sintáticas, as nomenclaturas diversas e decorebas de normas e prescrições ultrapassadas do ensino gramatical tradicional.

Ora, não se aprende língua materna através do ensino da gramática normativa, tampouco se aprende língua materna durante o período escolar. A língua materna, em nosso caso, a Língua Portuguesa, é adquirida durante os primeiros anos de vida, de tal forma que na fase infantil, mais precisamente por volta dos sete anos de idade, a criança já domina as regras da língua (BAGNO, 2015), ou seja, já se tem internalizada no indivíduo toda a estrutura de uma língua com suas complexas configurações que dispõe a ele o poder de comunicação em seu ambiente comunicativo. Portanto, como enfatiza Scherre (2005):

O que tem de ficar bem claro é que, quando o *professor de português* está ensinando gramática normativa, ele *NÃO* está ensinando *língua materna*, ele *NÃO* está ensinando *língua portuguesa*. Língua materna se adquire; não se aprende e nem se ensina. (SCHERRE, 2005, p. 93, grifos do autor).

Da gramática normativa, deriva-se a norma-padrão da língua, que na realidade, como expõe Bagno (2015), trata-se de um modelo de língua idealizado estabelecido pela gramática normativa, que na realidade “não corresponde aos usos linguísticos realmente prestigiados” (p. 95). Portanto, podemos entender que o modelo de língua prescrito pelas normas gramaticais não é de fato uma variedade padrão de prestígio encontrada no falar e na escrita de nenhum cidadão, nem mesmo os mais letrados.

Por outro lado, a norma chamada culta, corresponde ao “conjunto das variedades prestigiadas, faladas pelos cidadãos de maior poder aquisitivo, de maior nível de escolarização e de maior prestígio sociocultural” (BAGNO, 2015, p. 13). Esse tipo de variedade pode ser encontrada na fala dos mais letrados, na escrita monitorada e geralmente é cobrada nas provas de vestibulares e concursos públicos, pois é a variedade que mais se aproxima da norma-padrão.

Embora a norma-padrão e a norma culta sejam reconhecidas como a linguagem que obedece às normas dos manuais de gramática, e por isso são muito confundidas, Bagno em seus estudos faz a distinção já exposta, diferenciando as duas nomenclaturas: a norma-padrão, como modelo de língua idealizada pelas normas e prescrições gramaticais, que não se trata de uma variedade encontrada na fala e na escrita monitorada, e a norma culta, refere-se também ao modelo de língua idealizado pelas gramáticas, mas também é designada como a norma usada por falantes e escritores mais letrados e de maior prestígio social. Quanto a esse tipo de ambiguidade gerada pela nomenclatura “norma culta”, Bagno (2015) frisa:

Quarenta anos de pesquisa sociolinguística no Brasil têm demonstrado que existe uma distância muito grande entre o “português” que as gramáticas normativas tentam impor como uso único e exclusivo da língua e os variados modos de falar que encontramos na atividade linguística real dos cidadãos que gozam de prestígio social. (BAGNO, 2015, p.12)

De outro lado, toda variedade de linguagem que não segue as prescrições e normas da gramática, utilizada por falantes analfabetos ou menos escolarizados, pessoas pobres, moradores de periferias e zonas rurais do nosso extenso Brasil, são consideradas variantes estigmatizadas, sem prestígio e objeto de preconceito linguístico.

Por se tratar de variantes utilizadas pela maioria da população, é no período escolar (ensino de língua portuguesa) que o cidadão se depara com o ensino das variantes de prestígio através do ensino de gramática, e começa ver em sua linguagem certo grau de inferioridade produzindo em si a ideia de que não domina seu próprio idioma e por isso possui uma linguagem “feia” e “errada”. cremos que a partir desse contato mal trabalhado no ensino escolar entre gramática normativa e linguagem popular é que se afirma e se sustenta o fenômeno do preconceito linguístico. Como nos mostram Mollica e Braga (2015, p. 52):

[...] A forma estigmatizada é objeto de comentário jacoso ou rejeição explícita na comunidade discursiva. É registrada como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino da língua, sobretudo nos níveis fundamental e médio.

Não se trata de afirmar e defender a ideia de que não devemos aprender gramática, pelo contrário, o que se defende é um ensino mais pluralista visando um olhar mais atencioso para as variantes concretas e reais dos alunos, mostrando a verdadeira face da língua e sua rica diversidade. Se isso não ocorre, os aprendizes se veem num ensino puramente prescritivista cheio de nomenclaturas e decorebas, com abordagens desgastantes, mostrando apenas um lado conservador do vasto campo da linguagem. Sobre isso nos afirma Bagno (2015):

A gramática normativa tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma *língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação*. (BAGNO, 2015, p. 168, grifos do autor)

É essa vivacidade da língua e suas constantes transformações que fazem dela um objeto de estudo atrativo e fascinante. Não basta apresentar o funcionamento e as estruturas de uma língua a seus falantes tomando apenas como base o ensino da gramática com o objetivo de ensinar a falar e escrever bem, bonito e de forma prestigiosa, pois como afirma Scherre (2005, p. 140) “a gramática normativa, por mais revisada, atualizada e ampliada que seja, não representa e nem tem condições de representar a complexa rede linguística de uma comunidade de fala.”

Desse modo, se faz necessário um ensino que trabalhe a língua como ela realmente é, abordando suas estruturas, manifestações, fenômenos, bem como a rica diversidade linguística através das variações tão abundantes e diversas presentes no extenso território brasileiro e claro, utilizando o ensino gramatical na medida certa.

3 A CIÊNCIA LINGUÍSTICA

Antes de abordarmos a ciência denominada Linguística, vamos refletir brevemente sobre o que é ciência. Após, abordaremos de forma resumida o surgimento da Linguística, bem como as três vertentes que mais se destacaram no campo desta ciência moderna: o estruturalismo, o funcionalismo e o gerativismo, através de seus respectivos teóricos, Saussure, Martinet e Chomsky, chegando, por fim, no próximo tópico a área que nos interessa: a Sociolinguística.

A palavra “ciência” provém do latim *scientia* que significa conhecimento, saber. Esse conhecimento denominado científico é obtido por meio da observação, da experiência, do raciocínio lógico e por uma metodologia específica, caracterizando-o como um conhecimento racional, sistemático, rigoroso, preciso e comprovativo (FERREIRA, 2010; VESCHI, 2019).

O conhecimento científico se divide em alguns campos do saber que são objetos de investigações, tais campos são passíveis de serem analisados conforme os métodos próprios que caracterizam o processo do conhecimento da ciência. Esses campos do conhecimento são denominados ciências devido a sua pluralidade, sendo elas nomeadas: ciências biológicas, exatas, humanas e naturais, das quais derivam outros ramos específicos do saber científico.

Mas onde é que a linguagem entra no universo da ciência? O estudo científico da linguagem está inserido no amplo campo do conhecimento das ciências humanas e sociais, campo este que tem como objetivo o estudo do ser humano, suas atividades e comportamento. Emergida como uma ciência autônoma, a Linguística é considerada uma ciência recente que tem como objetivo investigar uma das atividades humanas mais importantes: a linguagem, descrevendo seus fenômenos e manifestações, tratando a língua através de uma abordagem científica.

Os estudos sobre a linguagem gerados pelas inquietudes, curiosidades e pelo interesse do homem neste vasto campo que é a língua não são recentes, datam desde a Antiguidade Clássica e sempre permaneceram no curso da história, tamanho era o interesse que o homem tinha e ainda tem pela linguagem humana, pela língua em si e suas especificidades. Porém, todo esse interesse dedicado à linguagem só se constitui como ciência através do surgimento da Linguística.

Antes do surgimento da Linguística, os estudos acerca da linguagem humana se destacavam através da investigação da relação entre som e sentido e o conhecimento gramatical, que objetivava contemplar a “arte de escrever”, que já indicava a abordagem normativa-prescritivista, esses estudos e investigações acerca da linguagem sempre estavam

atrelados a outros interesses como a poética, a retórica, a lógica e ao bom uso da língua (FARACO, 2004).

Foi a partir do final do século XVIII e sobretudo no século XIX que os sinais do surgimento de uma nova ciência, a ciência da linguagem estaria por vir, justamente pelo fato das abordagens do método histórico-comparativo se firmarem através de um objeto concreto: a língua, “é com a linguística comparativa e histórica que, pela primeira vez, se tratará da linguagem em si mesma e por si mesma (FARACO, 2004, p. 29).

Os estudos dessa época se destacaram através do método comparativo e da linguística histórica que tinham como objetivo de estudo a comparação entre as línguas, buscando entender e identificar suas origens comuns e as relações existentes entre elas através do método comparativo, bem como os estudos que investigavam as mudanças aparentes das línguas com o passar do tempo, através da linguística histórica (FARACO, 2004). Também no século XIX destacam-se as abordagens do movimento dos neogramáticos que observavam a mudança nas línguas através de seu indivíduo falante, analisando as mudanças sonoras e imprimindo ao método questões psicológicas (FARACO, 2006).

A Linguística surgiu no final do século XIX e início do século XX, constituindo-se como uma nova ciência, propondo descrever e explicar a linguagem humana através da configuração precisa de seu objeto e de seus métodos próprios de análise e descrição (ORLANDI, 2013). Foi após a publicação da obra do linguista suíço Ferdinand de Saussure, em 1916, intitulada *Curso de Linguística Geral*, que a Linguística se destacou e emergiu como uma ciência autônoma, embora já se notava indícios de um estudo científico da linguagem nos séculos anteriores, foram os estudos de Saussure que constituíram o marco do surgimento da ciência da linguagem chamada Linguística.

Saussure é reconhecido como o pai da linguística moderna pelo fato de suas contribuições terem impulsionado o campo de estudos da língua e da linguagem que se constituiu como uma nova ciência, de modo que a organização de suas bases teóricas proporcionaram uma visão verdadeiramente científica dos estudos da língua, tomando-a como objeto central de investigação. Entretanto, a publicação de seus valiosos estudos e sua fama como pai de uma ciência moderna se deram após sua morte, isto é, de forma póstuma.

Os estudos da linguagem desenvolvidos por Saussure se deram através da abordagem estruturalista, a partir da concepção de língua como uma estrutura e encarando-a como um sistema autônomo e fechado. Ao encarar a língua como um sistema de regras invariável e estrutural, Saussure estabelece a dicotomia, isto é, a distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala), dando ênfase à língua como seu objeto de estudo, um sistema homogêneo e abstrato,

sendo exterior ao indivíduo, e deixando de lado, mas não excluindo, a fala que é a manifestação individual da língua, a qual carrega a heterogeneidade e os aspectos da variação e mudança linguística (LUCCHESI, 2004; DA SILVA CABRAL, 2014).

Nos estudos de Saussure há outra importante distinção feita por ele, através da compreensão da língua como um sistema de signos, este apresenta dois conceitos que unidos estabelecem o signo linguístico: o significante e o significado. Segundo Saussure, o significante se refere a imagem acústica, isto é, é a expressão de uma palavra, e o significado é o conceito ou ideia atribuída à palavra (FIORIN, 2013; SAUSSURE, 2012).

Ao se debruçar sobre a *langue* (língua), exclusivamente, Saussure estabelece um recorte da língua como objeto de estudo, caracterizando suas abordagens através da sincronia, isto é, seus estudos se aplicavam a um estado da língua, algo estático, fixo, sendo assim uma abordagem sincrônica que “resulta de uma abstração através da qual a língua é imobilizada fora do devir temporal” (LUCCHESI, 2004, p. 37). Saussure deixa de lado as questões relacionadas à história e às mudanças que ocorrem na língua, ou seja, a abordagem histórica que conta com a variação e a mudança na língua, frutos da abordagem diacrônica que não é desenvolvida em seus estudos.

Nesse sentido, Saussure também estabelece outra importante dicotomia ao seu objeto de estudo: sincronia e diacronia. Ao fazer essa distinção, Saussure privilegia o estudo sincrônico da língua e exclui a abordagem diacrônica, tomando assim como objeto “um recorte temporal da língua” (LUCCHESI, 2004). Porém, a teoria se esbarra em uma questão específica e inerente à língua, como destaca Lucchesi (2004):

O sistema linguístico saussuriano constitui uma representação teórica que buscou apreender a dimensão estrutural e estruturante da linguagem e municiar a linguística com um instrumento analítico que a tornasse capaz de enfrentar a questão do funcionamento da língua. Contudo, tal representação colidiu de frente com a pluralidade, a heterogeneidade e a dinamicidade do modo concreto de existir da língua, ou seja, com as relações que se estabelecem e constituem a dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico. (LUCCHESI, 2004, p. 76-77).

Dessa forma, a linguística moderna não se resume apenas aos trabalhos de Saussure e a corrente inaugurada por ele. Após o destaque dado aos estudos linguísticos através da teoria estruturalista, outras importantes teorias surgiram no decorrer do século XX, como o funcionalismo e o gerativismo que serão abordados no próximo tópico, bem como a Sociolinguística, abordada mais à frente. Também vale ressaltar que os estudos sobre a linguagem não se concentraram apenas na Europa, grandes estudiosos de renome internacional e correntes de estudos já citadas também se consolidaram nos Estados Unidos. No Brasil,

grandes estudiosos também se destacaram através da abordagem estruturalista, como o linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr., grande expoente e pioneiro dos estudos da linguística moderna no Brasil.

3.1 O FUNCIONALISMO E O GERATIVISMO

É inegável a grande importância e contribuição que o estruturalismo, inaugurado por Saussure, deu aos estudos da linguística moderna, porém na medida em que os estudos estruturalistas iam sendo colocados em prática, algumas limitações surgiam devido ao recorte restrito do objeto de análise, a língua, especialmente ao enfoque exclusivo dado ao sistema em detrimento da mudança. Nesse sentido, correntes teóricas surgem em vista da necessidade de se explicar a língua nas mais diversas facetas e nos mais variados modos em que ela pode ser descrita e analisada.

Em vista disso, uma nova corrente teórica nasce através da necessidade de se colocar em prática a teoria proposta pelos estudos de Saussure, entretanto, diante das limitações, novas perspectivas foram introduzidas em relação ao objeto de estudo e a maneira de analisá-lo, buscando compreender melhor o funcionamento da língua.

Alavancado pelo Círculo Linguístico de Praga (1926), movimento que reuniu estudiosos da linguagem para tratar sobre os estudos da área, o funcionalismo surge e ganha destaque através dos estudiosos que fizeram parte do Círculo, entre eles Vilém Mathesius, Nikolai Trubetzkoy, Roman Jakobson, mas principalmente André Martinet, conhecido como o iniciador da corrente funcionalista. Proveniente das ideias do estruturalismo, o funcionalismo parte da noção de funcionalidade da língua, ou seja, a língua passa a ser vista e estudada como um sistema funcional, sendo assim seus estudos apoiados sobre o uso concreto da língua (LUCCHESI, 2004; MARTINS, 2009).

Nesse sentido, o funcionalismo parte da noção de que a língua é um instrumento de interação verbal, e com isso estabelece um modelo de investigação, levando em consideração o processo de comunicação e abrindo espaço para as questões externas que influenciam o funcionamento da língua, de modo que os estudos que ganharam notoriedade através dessa corrente são as abordagens dos aspectos fonológicos (MARTINS, 2009).

Alinhado em partes à teoria estruturalista de Saussure e também ao funcionalismo, surge no final da década de 1950 uma importante teoria linguística desenvolvida pelo norte americano Noam Chomsky, conhecida como Gerativismo. A referida teoria trata a linguagem como fator biológico, defendendo a ideia de que a linguagem é inata ao ser humano, dando

destaque ao falante através de sua *competência* linguística, que se resume na capacidade interna do falante em utilizar e compreender a língua, e de sua *performance* ou *desempenho* que tem relação com o uso concreto da língua e o contexto situacional do falante (ORLANDI, 2013).

Sobre o gerativismo, Lucchesi (2004) destaca:

Segundo o gerativismo, a dimensão estrutural e estruturante do fenômeno linguístico situa-se fora de sua dimensão sociocultural, e sim em sua dimensão individual psíquico-biológica. Ela se situa na **faculdade humana da linguagem**; uma faculdade inata, transmitida geneticamente e comum a todos os seres da espécie humana.” (LUCCHESI, 2004, p. 214, grifo do autor)

Chomsky se baseia no método dedutivo, partindo da concepção de “língua interna” que possui um sistema finito de regras, que possibilita ao falante a produção de um número infinito de expressões. Para a linguagem, Chomsky denomina gramática como sendo o mecanismo gerador de expressões e o sistema de regras inato ao falante, por isso o nome gramática gerativa, designando a concepção biológica da linguagem (MURAD, 2011). Como postula Faraco (2004, p. 84), o objeto de estudo proposto pela linguística chomskiana é a competência sintática, “entendida como uma capacidade ou disposição dos falantes, ou seja, como um objeto mental”.

Lucchesi (2004) destaca que um dos impasses presentes na teoria Gerativa e também pertencente à teoria estruturalista é a questão contraditória existente entre o sistema e a mudança linguística. Com relação a essa questão, a Sociolinguística é a área que tratará sobre o assunto e buscará contemplar em seus estudos esses dois aspectos: sistema e mudança, abrangendo assim, um olhar rigoroso e científico à variação e a mudança na língua.

3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística surgiu em meados da década de 1960 como uma ciência autônoma, caracterizada como uma disciplina e uma área dentro da ciência linguística. Através dos estudos sociolinguísticos, foi possível trazer aos estudos da linguagem uma forma de contemplar a análise da língua tanto pelo sistema, como pela mudança. Os estudos sociolinguísticos surgiram pela necessidade de estudar e analisar a língua através dos aspectos sociais, isto é, abrangendo toda a influência externa que atinge e reflete na língua. Nesse sentido, “como o nome sugere, a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a

relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (COELHO *et. al.*, 2015, p. 12).

A Sociolinguística emerge como uma área da Linguística que se debruça sobre as questões da língua e seus falantes, levando em conta os aspectos sociais da comunidade de fala, ou seja, a linguagem e seu contexto social. A concepção de língua na Sociolinguística abarca o sistema linguístico e a variação e a mudança na língua, encarando a língua como um sistema heterogêneo e dinâmico, mas que se apresenta de forma ordenada.

Emergiu como uma corrente teórica da linguística através do estudioso norte-americano William Labov que analisou a variedade linguística através do nível fonológico, evidenciando a relação e a influência dos fatores sociais na ilha de Martha’s Vineyard em Massachusetts (EUA), no ano de 1963. Porém, o nome Sociolinguística surgiu e se definiu como nomenclatura dessa área de estudos através do linguista norte-americano William Bright em um congresso realizado em 1964 nos Estados Unidos, que reuniu estudiosos que se ocupavam e trabalhavam nos estudos envolvendo a linguagem e a sociedade (FREITAG; LIMA, 2010).

Como frisa Bagno (2007), sobre o objetivo de investigação da Sociolinguística:

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada. (BAGNO, 2007, p. 38).

Nesse sentido, a Sociolinguística considera aquilo que é exterior à língua e evidencia a influência dessa exterioridade no sistema linguístico por meio do uso concreto da língua realizada por seus falantes.

A Sociolinguística se divide em vários ramos de pesquisa, dentre as áreas de interesse, podemos citar o contato entre as línguas, o surgimento e extinção de línguas, multilinguismo e a variação e mudança (MOLLICA; BRAGA, 2013). Nessa gama de abordagens sociolinguísticas, a variação e a mudança linguística se destacam como importantes abordagens na área, tendo nessa perspectiva a linguagem falada como o objeto central de estudos, sendo a modalidade que mais evidencia e reflete a variação nas línguas. Tal vertente de estudos sociolinguísticos foi inaugurada por Labov, também conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Laboviana.

Tendo como objeto de estudo a diversidade linguística, a Sociolinguística se interessa em buscar compreender os fenômenos da variação e mudança na língua, tendo em vista a heterogeneidade e a mutabilidade das línguas juntamente com os aspectos sociais que exercem influência nesses fenômenos. Como pondera Orlandi (2013, p. 49), sobre a investigação dos sociolinguistas em relação aos fenômenos da língua, “o falante *real* é levado em conta e os sociolinguistas analisam as formas linguísticas usadas pelos falantes em suas *comunidades*.”

A variação é um traço inerente às línguas, é ela que nos mostra a diversidade presente nos idiomas, porém o juízo de valor atribuído às variedades existentes em uma língua implica na separação entre variedades prestigiadas e estigmatizadas, essa realidade das línguas é muitas vezes motivo de intolerância e preconceito que recai sobre aqueles que utilizam o idioma e dão vida a língua: o falante. Nesse sentido, a Sociolinguística se ocupa em analisar e descrever cientificamente esse fenômeno das línguas, combatendo assim os julgamentos e discriminações que são direcionados à linguagem que foge do padrão linguisticamente correto. Como afirmam Mollica e Braga (2013, p. 13):

Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

Nesse sentido, a variação linguística presente no português brasileiro que é totalmente diversificado, e é encarada erroneamente por muitas pessoas como desvios, erros, e equívocos, pode ser descrita, analisada e explicada pela Sociolinguística, que apresenta meios, metodologias e bases teóricas para dar conta de abordar cientificamente os fenômenos da língua, levando em consideração seus traços sociais. Sobre tais julgamentos acerca das variedades de uma língua, Alckmin (2012, p. 43) observa:

A avaliação social das variedades linguísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala. Frequentemente, ouvimos falar em línguas “simples”, “inferiores”, “primitivas”. Para a Linguística, esse tipo de afirmação carece de qualquer fundamento científico. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres em vocabulário.

Assim sendo, a Sociolinguística nos mostra a realidade das línguas, elas se transformam, evoluem e são dinâmicas, e os fatores internos e externos a elas são

determinantes para que os fenômenos linguísticos ocorram de forma natural. O estudo e descrição desses fenômenos linguísticos são importantes para se desconstruir preconceitos, de modo que a língua seja algo identitário, pertencente ao falante e dominada por ele. Ainda sobre a variação e mudança, bem como o valor social dado às variantes, serão abordados mais à frente, especificamente. A seguir, ilustramos resumidamente um pouco da origem e o percurso do português.

3.2.1 O português brasileiro: diversidade e variação

A Língua Portuguesa é uma das línguas mais faladas no mundo, mais precisamente, a quarta língua mais usada, estima-se que 260 milhões de pessoas falam o idioma². O português é a língua oficial do Brasil e de outros sete países, Portugal, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Ilhas de Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor Leste.

O português é uma língua neolatina, oriunda do latim, mais especificamente de uma variedade chamada latim vulgar, o latim falado popularmente no cotidiano e aprendido de forma espontânea. Desse modo, o latim vulgar se difere do latim literário e do eclesiástico (ILARI; BASSO, 2006).

Até chegar ao Brasil por meio dos portugueses no século XVI, através da colonização, o português passou por transformações ao longo da história, passando por algumas fases com destaque ao galego-português (língua parecida com o galego - região da Galiza), o português arcaico (séc. XIII - XVI) que remonta ao período da formação do Estado português até o período das navegações, tendo por marca os primeiros documentos escritos em português, e o português clássico (séc. XVI - XVIII) conhecido pelas alterações no idioma pós-navegações e marcado pela literatura (ILARI; BASSO, 2006). Tais transformações resultam no que hoje falamos e chamamos de português moderno, que é resultado de muitas influências e produto de uma rica diversidade.

O que nos é importante destacar é o impacto gerado pelo encontro da Língua Portuguesa com as outras várias línguas no Brasil. Após a chegada ao Brasil, a língua portuguesa continuou o seu percurso de mudança, através do bilinguismo e multilinguismo, sobretudo pelo contato com as várias línguas indígenas já presentes no território brasileiro, com as línguas africanas provenientes dos africanos escravizados trazidos para o Brasil na

² Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-05/lingua-portuguesa-e-quarta-mais-falada-no-mundo>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

época do tráfico de escravos, e posteriormente com as línguas dos imigrantes europeus e asiáticos. Esse contato do português com outras línguas resultou em uma grande diversidade e variabilidade no que hoje chamamos de português brasileiro ou português do Brasil. Justamente por haver grandes diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil é que é necessário fazer essa distinção, diferenças essas que são históricas, geográficas, culturais e econômicas e ainda mais notórias linguisticamente, em níveis fonético-fonológico, sintático, semântico e lexical.

Além das questões de ordem histórica, que influenciaram na variação e mudança na língua brasileira, e a mistura de culturas de diferentes povos, fatores sociais da realidade dos falantes incidiram e ainda incidem na variabilidade do português brasileiro, alguns desses, de nível socioeconômico e de escolaridade, de modo atual, são os que destacamos nas próximas linhas.

O Brasil apresenta uma grande diversidade linguística por conta de muitos aspectos sociais, por isso a Sociolinguística tem um terreno fértil para a realização de estudos e pesquisas relacionados à variação e mudança na língua no que se refere ao português falado no Brasil. Tal diversidade é resultado de muitos fatores sociais que são refletidos no uso da língua. Podemos citar primeiramente a grande extensão territorial do país que se constitui de cinco grandes regiões tão distintas umas das outras, economicamente, culturalmente e demograficamente.

Podemos destacar também dois outros fatores negativos que estão intimamente ligados e que influenciam na diversidade linguística do país: a desigualdade social e o analfabetismo. Segundo dados divulgados, a extrema pobreza assola 17,5 milhões de famílias brasileiras³, já o analfabetismo, segundo os dados obtidos pelo IBGE em 2020 atinge cerca de 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais no Brasil⁴ e o analfabetismo funcional atinge cerca de 29% da população brasileira⁵. Além disso, um levantamento divulgado neste ano aponta um aumento do analfabetismo infantil devido ao advento da pandemia que comprometeu o ensino no país.

³ Disponível em:

<<https://www.poder360.com.br/economia/numero-de-familias-na-extrema-pobreza-salta-118-em-2022/#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20fam%C3%ADlias%20em,mensal%20de%20at%C3%A9%20R%24%20105>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

⁴ Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

⁵ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-jaragua-do-sul/viver-jaragua/noticia/2021/11/12/analfabetismo-funcional-atinge-29percent-da-populacao-brasileira.ghtml>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

Essas questões sociais, juntamente com as questões históricas já citadas sobre a chegada e a imposição do português no Brasil em um ambiente em que outras línguas circulavam, influenciaram e as atuais influenciam na diversidade que hoje é constatada na língua aqui falada, por isso que os estudos acerca do contexto social que englobam o sistema linguístico são importantíssimos para que se entenda o funcionamento da língua e os fenômenos de variação e mudança tão evidentes e naturais presentes na língua posta em funcionamento por seus falantes.

A seguir, trataremos mais especificamente o fenômeno da variação e mudança, destacando a atuação dos fatores externos relacionados ao contexto social dos falantes já aqui mencionados e como eles influenciam esses fenômenos. Também abordaremos alguns exemplos para melhor compreensão desses fenômenos linguísticos.

3.2.2 Variação e mudança linguística

Como já exposto, a variação linguística está presente em todas as línguas, é um fenômeno inerente a elas e pode ser encontrado em todos os níveis estruturais (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical). O termo variação designa que, em uma comunidade de fala ou comunidade linguística existem modos diferentes de falar, isto é, uma comunidade que se utiliza dos mesmos meios de interação verbal, não no sentido de falar do mesmo modo, mas sim respeitando um conjunto de regras de uso linguístico, ou seja, uma mesma língua, apresenta diversidade ou variação na fala (ALCKMIN, 2012).

A variação linguística, como destaca Bagno (2007), não é algo desordenado nem desregrado, pelo contrário, a variação é estruturada e ordenada. Desse modo, a variação não compromete o funcionamento da língua nem a sua estrutura e nem a comunicação entre os falantes.

Os diferentes modos de falar dentro de uma comunidade de fala são denominados pela Sociolinguística como variedades linguísticas. Dentro das variedades estão contidas as variáveis que apresentam variantes, isto é, as variáveis são as formas que apresentam a variação, e para apresentarem variação precisam de suas variantes que são as alternativas concretas de uso para se dizer a mesma coisa em determinado contexto sem alterar o sentido (BAGNO, 2007).

No que se refere à variação, a Sociolinguística leva em conta e analisa os fatores que condicionam, isto é, regulam os usos das variantes. Esses fatores são chamados condicionadores e se enquadram em duas ordens: os internos, que são os fatores linguísticos

atuantes dentro da língua (fatores fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, etc.), e os extralinguísticos, que são externos à língua e são caracterizados pelos fatores sociais, como faixa etária dos falantes, sexo/gênero, nível socioeconômico e grau de escolaridade. Todos esses fatores têm relação com a variação que se apresenta na língua e em cada modo de variação há condicionadores atuantes que exercem influência na escolha de uma ou outra variante, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos (ALCKMIN, 2012).

A variação se caracteriza e ocorre de determinados modos, meios e formas, por isso, há vários tipos de variação, sendo distinguidas como: variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica, todas relacionadas aos fatores extralinguísticos. A variação diacrônica diz respeito à variação que ocorre através do tempo, como vimos anteriormente é perceptível as mudanças que se instauram na língua na medida em que o tempo passa.

A variação diatópica está relacionada à variação regional, ou seja, a variação presente em uma mesma língua devido o lugar, o espaço geográfico. Nesse tipo de variação, podemos citar as variações presentes no português brasileiro de acordo com as diferentes regiões: o falar nordestino e o sulista, o falar da população da zona rural e das zonas urbanas, e até mesmo o português brasileiro que se distingue marcadamente do português de Portugal.

A variação diastrática se refere à variação que se apresenta de acordo com o nível de escolaridade ou econômico dos falantes, isto é, tem relação com a variação social. A variação diamésica está relacionada à variação dos diferentes meios que a língua é utilizada, em suma se refere às diferenças existentes entre língua falada e escrita (ILARI; BASSO, 2006).

Dependendo da variação, pode haver mudança na língua. Todo processo de mudança ocorre em decorrência de um fenômeno de variação, porém nem toda variação resulta em mudança, há variações estáveis, ou seja, pode haver variantes que coexistem indicando assim distinções sociais (ALCKMIN, 2012, p. 61).

Para ocorrer mudança, uma das formas variantes que concorrem numa mesma variável, se destaca e passa a ser mais usada, e a outra se torna obsoleta, ou seja, o processo de mudança envolve a concorrência de variação por meio das variantes, sendo um processo muitas vezes lento e gradual, por vezes imperceptível (ALCKMIN, 2012).

Um exemplo de variação bem atual é o emprego de “a gente” ou “nós” para se referir a primeira pessoa do plural, nesse caso há duas formas variantes que podem e são utilizadas para se referir a uma mesma variável, uma se refere a forma gramatical dita canônica (nós) e outra mais usada em contextos informais, na fala popular (a gente) (FREITAG; LIMA, 2010).

Um exemplo de mudança presente em nosso falar cotidiano é a forma que nos referimos ao outro: “você”. Antigamente a forma utilizada era a forma de tratamento “vossa mercê”, essa forma é característica do século XIV, com o tempo foi se gramaticalizando até se utilizar atualmente apenas “você” para se referir a 2ª pessoa do singular, sendo até mesmo comumente encontrado na fala reduções como “ocê” e “cê” (COELHO *et al.*, 2015).

Outro importante exemplo de variação que podemos destacar no português brasileiro é a concordância nominal e verbal, segundo a prescrição da gramática normativa, faz-se necessário a concordância em todos os elementos da sentença: “As meninas bonitas”, porém normalmente encontramos na fala espontânea construções com marcação de plural apenas no artigo: “As menina bonita”, nesse sentido nos deparamos com uma variação com variante que emprega concordância e outra de não concordância em todos os elementos da sentença.

Ilustrados os exemplos de variação, há outro fator social que recai sobre o fenômeno da variação: a avaliação social. Nesse caso, as variantes que fogem do “padrão” são julgadas como variedades inferiores e erradas, e as que mais se aproximam do “padrão” prescrito pela gramática normativa são rotuladas como as mais bonitas, corretas e superiores. Em suma, certas variedades sofrem rejeição e são estigmatizadas devido ao valor social atribuído a elas, e pior ainda, devido ao julgamento direcionado ao falante (ALCKMIN, 2012). Como postula Mollica e Braga (2013, p. 13):

Numa perspectiva científica, cabe assinalar que todas as manifestações linguísticas são legítimas e previsíveis, ainda que exista flutuação estatística. Embora os julgamentos de valor não se apliquem, os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social.

E ainda como destaca Coelho *et al.* (2015):

Essa confusão entre fazer julgamento à língua e julgamento ao falante é um dos fatores que permitem a existência e a perpetuação do **preconceito linguístico** em nossa sociedade. Com o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”, abre-se espaço para que marginalizemos os falantes que fazem uso dessa construção (p. 65, grifo do autor).

As línguas mudam, evoluem, são vivas e se transformam, não há porque negar essa realidade, nem achá-la descabida e digna de repreensão como se constata através das manifestações de intolerância e preconceito linguístico que se revelam no cotidiano, tanto no ambiente físico, quanto no virtual.

Fica comprovado através da abordagem feita até aqui, que há uma ciência que se ocupa dos fenômenos linguísticos, que se envolve no fascinante universo da linguagem humana, que tem seus meios próprios de análise, de estudos, e de descrições que proporcionam o olhar científico e autêntico das manifestações da língua, inclusive da sua diversidade, variação e mudança. Nesse sentido, não há porque encarar a mudança como um problema, pelo contrário, a mudança é uma realidade que ocorre por influência de muitos fatores e ocorre de forma natural e regrada.

Na sequência, abordaremos a análise do corpus juntamente com as duas relações extraídas desse material que nos ajudam a identificar as origens da manifestação do preconceito linguístico que não se firma em nenhuma abordagem científica, apenas se constrói através de ideologias, “achismos” (senso comum) e concepções equivocadas de língua e seus meios de expressões: o desconhecimento da ciência linguística e a negação desse conhecimento aqui abordado como negacionismo.

O olhar intolerante, preconceituoso e discriminatório acerca da forma como o outro indivíduo fala, evidencia claramente a íntima ligação com o preconceito social, porém também se identifica um distanciamento aparente entre a ciência da linguagem e a população em geral. O que está relacionado a esse distanciamento? O desconhecimento ou a negação desse conhecimento acerca da linguagem? Essa inquietação influenciou a execução dessa pesquisa e nas próximas páginas abordaremos esse fato concreto através da análise do corpus.

4 OS DISCURSOS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Antes de apresentarmos o corpus da pesquisa, é importante abordarmos sobre o ambiente em que ele foi produzido e de lá retirado para a análise deste trabalho. Ele está diretamente ligado aos discursos das redes sociais. Nos últimos anos, por meio do avanço tecnológico, a internet tem sido acessível a grande parcela da população brasileira, inclusive as classes menos favorecidas. Seja através do celular, *smartphone*, de um *tablet*, *notebook* ou computador convencional, basta ter acesso a um sinal de *internet*, seja por *wi-fi* ou simplesmente por sinal de operadora (uso de dados) que o mundo virtual se torna acessível.

As redes sociais como meio de interação, tem proporcionado um contato muito íntimo entre as pessoas, mesmo à distância também se verifica a rapidez da comunicação e do acesso à informação por meio dessas grandes redes criadas nas últimas décadas. Basta criar uma conta nessas redes para se ter acesso a conteúdos diversos e se relacionar com pessoas de diversas partes do mundo.

O *Facebook* e o *YouTube* são duas redes sociais muito utilizadas atualmente, elas proporcionam aos usuários ferramentas de divulgação de conteúdos audiovisuais ou simplesmente textuais, além de proporcionarem um amplo alcance do conteúdo e mecanismos que promovem a interação entre os internautas cadastrados nas respectivas plataformas. Nesse sentido, “a lógica da Internet como plataforma de rede social facilita às pessoas a oportunidade de se associarem a outros com quem partilhem interesses, encontrar novas fontes de informação e publicação de conteúdo e opinião” (AMARAL, 2017, p. 20).

Como ferramenta de interação, as redes sociais disponibilizam a seus usuários diversas formas e maneiras de expressar suas opiniões, reações e sentimentos pessoais que atingem grande visibilidade a depender dos recursos utilizados no meio virtual, seja por meio da escrita através dos comentários, ou da oralidade através de vídeos, dos recursos de interação como os botões curtir, não curtir, compartilhar, esses mecanismos revelam nossa reação diante dos conteúdos diversos que são vinculados nas redes a todo momento.

Porém, infelizmente essa liberdade de acesso e de interação proporcionada no ambiente virtual tem aberto caminho para a intolerância e o preconceito que comumente são vistos nas redes sociais e em outras diversas ferramentas do ambiente virtual, inclusive como destacamos neste trabalho, os indícios de preconceito linguístico, bem como a negação do conhecimento linguístico encontrados na internet, além de tipos de discriminação explícita e ataques intolerantes.

No entanto, o espaço virtual também é benéfico, pois serve para divulgar e disseminar o conhecimento científico, levando os estudos, trabalhos e pesquisas até a população por meio da internet e dos meios diversos de comunicação e divulgação presentes no ciberespaço. Nesse sentido, o ambiente virtual se tornou um grande meio de aproximação entre o que se produz nas universidades e a população leiga, disseminando conhecimento e espalhando a ciência em seus diversos ramos.

Pensando na questão da divulgação do conhecimento científico no ambiente virtual e nas reações perceptíveis dos internautas que consomem esse tipo de conteúdo por meio da internet, nos propomos analisar além dos indícios do preconceito linguístico, os comentários negativos registrados por pessoas que tiveram acesso ao conteúdo de materiais que abordam e divulgam o conhecimento linguístico sobre a ótica da variação e mudança na língua no ambiente virtual, e ali depositaram suas percepções acerca desse conhecimento, bem como suas opiniões e visões que têm da língua.

4.1 O NEGACIONISMO NO ÂMBITO DA LINGUAGEM

Segundo o dicionário *on-line* Priberam da Língua Portuguesa, o negacionismo é a “ação de negar ou não reconhecer como verdadeiro um facto ou um conceito que pode ser verificado empiricamente (ex.: negacionismo científico; negacionismo histórico).” Nesse sentido, o negacionismo científico é a negação do conhecimento produzido pela ciência que nada mais é do que negar a ciência, negar evidências, negar aquilo que se comprova por meio de análises sistemáticas, métodos científicos e dados precisos.

A ciência, de um modo geral, tem sido alvo de ataques e negações que procuram deslegitimá-la, é o que temos visto com frequência nos últimos tempos. Nesse sentido, o negacionismo se tornou um termo mais conhecido nestes últimos anos, dada a sua difusão e propagação na sociedade atual por meio de governos e movimentos ideológicos, gerando preocupação para o meio científico. Ser contra, duvidar ou negar algo que se comprova cientificamente ou historicamente pode até ser um direito individual do ser humano, o problema é quando isso se torna algo coletivo e toma proporções maiores através da disseminação da desinformação, defesas de ideologias e criação de teorias conspiratórias, gerando movimentos que atacam a ciência e os fatos históricos, desmerecendo todo o trabalho da comunidade científica, criando afirmações sem embasamento teórico científico. Nesse sentido, é possível afirmar que:

[...] a proliferação das desinformações científicas tem múltiplas razões e, no tocante à formação científica, estas podem estar associados a aspectos da não compreensão dos usuários sobre a natureza da ciência e da construção do conhecimento científico, em que visões distorcidas dessas naturezas são alimentadas nos discursos de ataque à credibilidade da ciência. Estes discursos não são construídos em uma única declaração, uma única interação ou em um único dia, mas sim são processos que se constroem gradualmente (FASOLO; GIROTTO, 2022, p. 437).

Um exemplo que pode ser citado de movimento anticiência é a questão do terraplanismo, pessoas que diante de todos os estudos e evidências que desde a Antiguidade se comprovou que a Terra é um globo (mais precisamente um geóide), ainda defendem e propagam a ideia de que a Terra em que habitamos é plana, são os chamados terraplanistas. Além disso, atualmente, destaca-se também a negação dos efeitos relacionados às mudanças climáticas associadas à atividade humana como o aquecimento global.

Com o advento da internet, das mídias sociais, dos aplicativos de mensagens instantâneas, o movimento negacionista ganhou força e se alastra com facilidade, mesmo com o surgimento de meios para combatê-lo, ainda é possível notar suas nefastas consequências principalmente no âmbito científico com a chegada da pandemia. Diante do cenário pandêmico mundial, muitas foram as manifestações contra os estudos e evidências científicas que objetivavam buscar soluções para a diminuição do contágio e a erradicação do vírus, tais manifestações geradas pelo movimento negacionista defendiam o fim do uso de máscaras e do distanciamento social, bem como a propagação de tratamento com medicamentos não comprovados cientificamente, além da negação da eficácia das vacinas através do movimento antivacina. Sobre isso, Vilela e Selles (2020) ressaltam:

[...] afirmações sem base evidencial pautam-se em uma visão reducionista da Ciência que despreza os complexos processos de produção do conhecimento científico. Para o público que desconhece essa complexidade, tais afirmações se traduzem em certeza, pois carregam alguns elementos e características do conhecimento científico, ainda que superficiais, e são entendidas como mais do que apenas uma opinião. Isso induz a uma disputa desigual por narrativas, levando a opinião pública a praticamente escolher no que acreditar, e na maior parte das vezes, a duvidar do conhecimento científico (VILELA; SELLES, 2020, p. 1731).

Outra vertente do negacionismo diz respeito a historicidade, a negação da história e dos fatos que a constituem, um exemplo disso é o movimento que nega e tenta atenuar o sombrio e tenebroso genocídio contra os judeus, o holocausto que seifou milhões de vidas no século XX, além de muitos outros fatos da história da humanidade e até mesmo as particulares de cada país. Em vista disso, o negacionismo tem tomado grandes proporções e se alastrado nas mais diversas áreas do conhecimento e da ciência.

Dada a amplitude e aquilo que constitui o negacionismo, propomos através deste trabalho suscitar a referida questão no âmbito da linguagem, mais especificamente identificar indícios de uma possível presença daquilo que indica ser ideias e posições que negam os estudos e evidências científicas da ciência da linguagem, no que se refere às abordagens da área da Linguística, através dos métodos e conceitos defendidos pela Sociolinguística, por meio de análises e interpretações dos fenômenos da língua relacionados à diversidade, variação e mudança. Não é de hoje que a ciência linguística enfrenta o que podemos chamar de rejeição, Fiorin (2013) na sinopse do livro *Linguística? O que é isso?* nos revela o olhar preconceituoso muitas vezes dispensado a esta ciência, indo além do preconceito as diferentes formas de falar:

A Linguística é uma ciência pouco conhecida ou completamente desconhecida pelas pessoas em geral. E, como é comum acontecer com aquilo ou com aqueles que desconhecemos, ela é constantemente alvo de prejulgamentos – tendo sido acusada inclusive de renegar a norma culta e de contribuir para a destruição da língua portuguesa por defender modos “errados” de falar. Ou seja: o preconceito não atinge somente os diferentes falares. A própria Linguística que os estuda é objeto de atribuições e rótulos infundados (FIORIN, 2013, n. p).

Além do preconceito linguístico, o que destacamos neste trabalho é como os internautas se relacionam com esse conhecimento e com aquilo que a Linguística se propõe a analisar como ciência através da percepção negativa da variedade no falar dos brasileiros, assim como a percepção negativa das abordagens do conhecimento científico da linguagem, o que de antemão já nos revela uma relação que ultrapassa os questionamentos e do não entendimento dos indivíduos acerca desse conhecimento científico, evidenciando uma negação explícita da ciência da linguagem.

4.2 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

4.2.1 Seleção dos materiais para extração do corpus

Para a pesquisa foram selecionados dois materiais audiovisuais publicados no ambiente virtual que objetivam divulgar o conhecimento científico acerca da linguagem falada (linguagem popular), através de uma abordagem sobre a diversidade linguística sob a ótica da variação e mudança linguística. A escolha se deu pelo fato da abordagem ser clara, concisa, de linguagem simples e clara, destinada ao público leigo e por contar com a participação de renomados pesquisadores da área da Linguística. Outro fator relevante para a

escolha se deve a questão da facilidade de acesso ao conteúdo no ambiente virtual, um material se encontra no *Youtube* e outro no *Facebook*, duas plataformas de fácil acesso pelos internautas e de expressivas reações.

4.2.2 Descrição dos materiais

O primeiro material é um vídeo feito e divulgado pela Pesquisa Fapesp em seu próprio canal no *YouTube*, o protagonista do vídeo é o linguista Ataliba Teixeira de Castilho que aborda o tema da língua falada com clareza e bom humor. O vídeo tem duração de 8 minutos e 46 segundos, até agosto de 2022 foi visualizado mais de 93.000 vezes, com 5,3 mil curtidas (mecanismo de marcação de “gostei” no *Youtube*) e 236 comentários. Já o canal da Pesquisa Fapesp possui 84,7 mil inscritos.

O vídeo aborda alguns fenômenos e transformações do português falado no Brasil, inicia-se dizendo que a língua falada é redundante, criativa, simples e econômica, no sentido de frases curtas e objetivas e totalmente criativas. Em seguida, se comenta sobre uma característica da língua falada que são as marcas discursivas ao final de frases, como o exemplo “tá”, a forma encurtada do verbo “estar” completamente cheia de sentidos (tá bom, tá ligado, tá chegando). Por não ser aceito pela gramática como forma correta, Castilho destaca que é muito mais interessante buscar compreender o porquê do verbo ter encolhido do que condenar esse tipo de expressão.

Castilho destaca que quando se pensa em língua pensamos logo em gramática, porém quando se estuda uma língua se percebe que a gramática é um setor da língua, isto é, abarca a estrutura das frases através da sintaxe, do léxico, da semântica e do discurso que são aprendidos pelos falantes desde a infância. Além disso, Castilho destaca que alguns domínios da modalidade da fala possuem um poder articulatório maior através da conversação.

Castilho menciona a época em que se começou a usar o gravador portátil, onde era possível transcrever tudo o que a pessoa falava e do jeito que falava, com repetições, hesitações, interrupções, e que quando se descrevia encontravam-se as regularidades presentes na língua. Castilho frisa que as línguas não são bagunçadas, pois se assim fossem não haveria intercompreensão, basta que sejam descritas para se constatar as suas regularidades, ao contrário da língua escrita que é algo fixado, a oralidade, porém, revela os mecanismos da língua. Castilho ressalta que a língua falada aponta para o futuro, já a escrita remete ao passado, à língua documentada, destacando que “a língua escrita como documento linguístico, mente pra caramba”.

O vídeo segue abordando as inovações e transformações da língua falada, com destaque ao exemplo da marcação de gênero e número apenas no artigo, como no exemplo “as menina alta”. Castilho comenta que há uma harmonia no sistema da língua, pois algo que acontece em um domínio pode ocorrer também em outro. Ele faz um destaque no que se refere a mudança dos pronomes, cita que atualmente são usados com maior frequência os pronomes “você” no lugar de “tu”, “a gente” no lugar de “nós” e o pronome “eles”, comumente usado, o que gera também alterações na morfologia dos verbos que na linguagem falada se empregam construções como: “você fala”; “a gente fala”, “eles fala”, o que faz desaparecer flexões como “falas”, “falamos”, “falais”, “falam”.

O vídeo segue com menções sobre as gírias que são inovações interessantes e revelam características da nossa língua. Para Castilho, o que os gramáticos condenam e julgam como errado, para o linguista é um objeto de interesse e de investigação.

Castilho conclui falando sobre a barreira que muitas vezes a escola constrói entre a língua ensinada na escola (norma-padrão e culta) e a língua do aluno adquirida no ambiente familiar, o que faz com que muitas vezes a linguagem do aluno seja condenada no ambiente escolar. Ele destaca que a escola deve respeitar a variabilidade que é um fato inerente à língua e que está presente na linguagem falada pelos alunos sem a condenar, pois a língua é algo particular e muito precioso de cada ser humano. O que Castilho sugere é a soma da língua da escola com a língua falada no ambiente familiar do aluno, sem descartar a sua linguagem, o que o faz tornar-se bilíngue em sua própria língua.

O segundo material, trata-se de uma série de vídeos produzida pelo Jornal Hoje da TV Globo que aborda a linguagem dos brasileiros falada no dia a dia. Ao todo foram quatro vídeos produzidos sob o comando da repórter Ana Zimmerman que viajou para diferentes regiões do país a fim de mostrar a diversidade presente no falar dos brasileiros. A série foi ao ar de 18 a 21 de março de 2015 na tv aberta.

O material com os respectivos vídeos se encontra no site do Jornal Hoje, e esse conteúdo do site foi publicado em uma página da rede social *Facebook* chamada *Dalíngua Portuguesa*. A página é administrada por uma graduada em Letras que a criou com a intenção de compartilhar dicas de português. Possuindo mais de 390.000 curtidas até o mês de setembro de 2022, a página conta com mais de 395.000 seguidores. Já a publicação do material do site do jornal hoje registrou 482 curtidas, 47 comentários e 230 compartilhamentos.

No primeiro vídeo da série a matéria apresenta exemplos de algumas formas de gírias faladas nas ruas, destacando as características da fala espontânea. O vídeo conta também com

a fala do linguista Ataliba Teixeira de Castilho, que apresenta a visão dos linguistas diante desse tipo de linguagem, destacando que cientificamente o falar só está errado quando se fala e o outro não entende.

Castilho explica que há diferenças no falar em ambiente e situações formais e no falar em ambientes e situações mais informais, onde se utiliza a fala espontânea, ele ainda destaca que em textos escritos de forma monitorada faz-se necessário escrever de acordo com os padrões estabelecidos pela gramática.

O vídeo também conta com a participação do *rapper* Emicida, que comenta sobre a utilização da linguagem popular falada nas ruas nas construções de suas músicas de acordo com a melodia, bem como conta com a participação do linguista Rodolfo Ilari que destaca a posição dos linguistas em defender as várias formas de falar, combatendo o preconceito linguístico e destacando que as várias formas se enquadram cada uma em determinadas situações do cotidiano.

No segundo episódio da série, abordam-se palavras e expressões que são consideradas erradas atualmente, mas que no passado foram consideradas formas corretas e que hoje são preservadas e encontradas nos falares do interior, como por exemplo as expressões: “escuitar” (escutar); “fruita” (fruta); “pranta” (planta); “frecha” (flecha). O vídeo conta com a participação de estudiosos da linguagem, entre eles a linguista e professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, que comenta sobre a facilidade em se pronunciar expressões como “muié” em vez de “mulher”. Além disso, o vídeo destaca que esses fenômenos na língua são uma das características das línguas derivadas do latim, além de revelar que muitas formas encontradas hoje no falar popular são formas praticadas no português medieval e arcaico.

O vídeo também destaca palavras com a troca do “l” por “r” encontradas na obra de *Os Lusíadas* de Camões, bem como o predomínio de formas singulares no falar espontâneo em construções que a gramática prescreve na forma plural, como “a calça/as calças”; “o óculos/os óculos”. O vídeo finaliza dizendo que na hora de falar, as pessoas usam a forma aprendida em casa, no contexto familiar e desse modo a língua vai mudando, vai tomando novas formas por meio de seus falantes, por meio da língua que é viva.

No terceiro vídeo da série, o destaque é dado ao tema da concordância que não ocorre na forma prescrita pela gramática normativa, pois o que se nota nas conversas informais é a marcação de plural e concordância apenas no primeiro elemento da sentença, o artigo, alguns dos exemplos no vídeo extraídos das ruas são: “as criança” e “nós fala”.

A reportagem destaca que essa questão recorrente na língua falada diz respeito a um processo que já ocorreu com a língua francesa, por exemplo, em que o “s” de plural não é

pronunciado no final de certas palavras na sentença, e a língua inglesa que não usa o plural em todas as palavras mesmo na língua escrita, com destaque na marcação de plural apenas nos substantivos.

O vídeo ainda destaca um tipo de variação do interior de Minas Gerais, o “ques” em construções como: “Ques fi bonito”, bem como a variação na construção dos verbos como: “Nós fala, nós falemos” (mais comum no interior), além da troca de “a gente” no lugar de “nós” na língua falada. Outro exemplo de concordância abordada no vídeo diz respeito à construção do tipo: “Aluga-se cadeiras”, encontrada até mesmo na escrita de pessoas mais letradas. O vídeo também conta com a fala de um entrevistado alegando que o português é uma língua complicada, pois o modo da escrita é totalmente diferente da fala. Castilho ao final do vídeo destaca que não há erro ou acerto, o que importa é o sucesso na comunicação no que se refere à língua falada.

Por fim, a última reportagem da série aborda as diferenças gramaticais entre o que se fala no Brasil e em Portugal. Em Portugal há o uso recorrente de pronomes oblíquos em construções como: “Eu a vi/ Encontrei-o”, enquanto que no Brasil a maioria das pessoas usam construções como “Eu vi” ou “Eu vi ela/ Encontrei ele”, predominantemente com pronomes retos. O vídeo afirma que há muitas regras do português de Portugal em nossa gramática, o que explica as normas da escrita que não condizem muitas vezes com aquilo que falamos. Além disso, o vídeo menciona a questão do falar mais ligeiro dos portugueses, além de construções sem uso de gerúndio, o que no Brasil não ocorre, utilizamos o gerúndio para dizer que estamos brincando, estamos trabalhando, conversando, etc. Uma cidadã portuguesa entrevistada no vídeo revela que acha o português brasileiro uma língua mais fluida, engraçada e mais descontraída.

O vídeo segue afirmando que, de acordo com os linguistas, foram os portugueses que alteraram mais a forma de falar e não os brasileiros, Castilho é quem aparece no vídeo para frisar esta colocação. Na sequência, o vídeo prossegue destacando que nem sempre a língua que falamos é respeitada nas escolas e a língua prescrita pela gramática tem muitas palavras e construções que ninguém mais usa, como por exemplo a forma “vós ajudastes”. O vídeo frisa a seguinte questão: será que dessa forma as crianças estão aprendendo de verdade? Uma doutora em Letras aparece no vídeo mencionando o fato de que se percebe que uma determinada forma de construção está sumindo na língua quando a criança entra na escola sem conhecer essa forma.

Ao final do vídeo, Castilho comenta sobre a identidade linguística do aluno e o efeito negativo de um ensino pautado no certo e errado, pois a escola cala a boca do aluno

reprimindo sua identidade linguística. Rodolfo Ilari também defende através de sua fala que se deve conhecer e respeitar a língua do povo, a língua utilizada no dia a dia por milhões de pessoas. Além dos quatro vídeos apresentados no Jornal Hoje, o site também disponibiliza na íntegra a entrevista com o *rapper* Emicida e outros dois vídeos com a entrevista dos linguistas Ataliba Teixeira de Castilho e Rodolfo Ilari, que expõem a abordagem da Linguística diante do falar popular.

4.2.3 O corpus de análise

O corpus trata da reação escrita pelos internautas registrada nos respectivos canais em que os materiais foram publicados, nesse sentido, os comentários do vídeo da Pesquisa Fapesp foram extraídos das reações publicadas pelos internautas no *Youtube*, e os comentários da série do Jornal Hoje foram extraídos do *Facebook*, local em que o material foi reproduzido e gerou reações de internautas.

A seleção dos comentários se deu na medida em que eles apresentavam em suas construções indícios de preconceito linguístico, através de julgamentos acerca da diversidade e da variação linguística abordada nos materiais escolhidos. Muitos foram os comentários que defendiam o conhecimento linguístico, bem como a noção de variabilidade da língua e sua rica diversidade, porém alguns comentários se mostraram contrários às abordagens e estes é que nos chamaram a atenção e se tornaram material de análise para essa pesquisa.

Selecionados os comentários nos respectivos materiais citados, propomos analisar cada um de modo a encontrar as regularidades nas manifestações de intolerância e preconceito linguístico, bem como procurar identificar indícios de que os autores desconhecem os estudos da ciência linguística, ou que conhecem, mas negam.

O corpus é constituído por uma pequena amostra de comentários, ao todo foram coletados 19 comentários, 10 no *Youtube* e 9 no *Facebook*. Após a apresentação dos comentários, discorreremos brevemente sobre o conteúdo de cada um deles e ao final apresentamos uma síntese com as principais regularidades.

4.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE DO CORPUS

A pesquisa é de natureza descritiva, pois objetiva descrever os elementos constitutivos do corpus, observando suas características e regularidades e sua abordagem se deu através da pesquisa qualitativa-interpretativa. Para a constituição do corpus foram selecionados os

principais comentários que apresentavam indícios de intolerância e preconceito linguístico em suas construções, bem como a negação do conteúdo abordado nos materiais que se referem a variação e mudança linguística.

Trata-se de uma pesquisa com base em um corpus restrito e específico, portanto buscamos apontar indícios das regularidades presentes nas manifestações do preconceito linguístico diante das variedades linguísticas no português brasileiro, bem como da reação dos internautas frente à abordagem da ciência da linguagem apresentadas por dois materiais, um de divulgação científica e outro de produção jornalística.

Com base nos trabalhos de Bagno (2015) sobre o preconceito linguístico e os mitos atrelados a ele, bem como através das abordagens feitas neste trabalho com relação à área da Sociolinguística com destaque à diversidade da língua, a variação e mudança linguística, analisamos os comentários selecionados e destacamos algumas de suas principais características e regularidades.

Em Bagno (2015), em seu livro *Preconceito linguístico*, no capítulo em que trata sobre o preconceito contra a Linguística e os linguistas, faz a seguinte observação que nos orienta neste trabalho a fim de identificarmos a razão do preconceito linguístico contra as formas variáveis da língua, da ciência linguística e seus profissionais:

[...] achar que a língua está em “crise” e que para superar essa “crise” é necessário sustentar a doutrina gramatical sem submetê-la a uma crítica serena e bem fundada é, a meu ver, uma atitude que só pode ter duas explicações: a *ignorância científica* (a pessoa nunca ouviu falar em linguística) ou a *desonestidade intelectual* (tendo entrado em contato com a ciência linguística, finge que não a conhece) - pior ainda é quando essa atitude se sustenta num indisfarçado e indisfarçável *preconceito social*. Não podemos aceitar nenhuma dessas explicações para justificar o trabalho daqueles que se proclamam “especialistas” em questões de linguagem. (BAGNO, 2015, p. 241, grifos do autor).

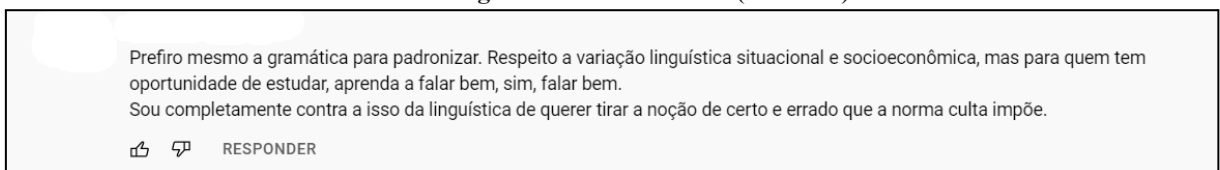
Em nosso trabalho, abordaremos as duas razões postuladas por Bagno (2015), trazendo essa ideia concebida pelo autor para a identificação da intolerância e preconceito linguístico contra os falantes das variedades populares, bem como contra a linguística e os linguistas. Tentaremos distinguir as duas noções através dos comentários, porém a segunda razão denominaremos como negacionismo, pois percebe-se que em certos discursos o indivíduo demonstra o saber sobre a ciência linguística, porém a nega explicitamente.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 COMENTÁRIOS VÍDEO 1

Com base nos critérios supracitados, identificamos os seguintes comentários no vídeo 1: *Quando se trata de português falado, não existe certo e errado* no canal do Youtube da revista Pesquisa Fapesp:

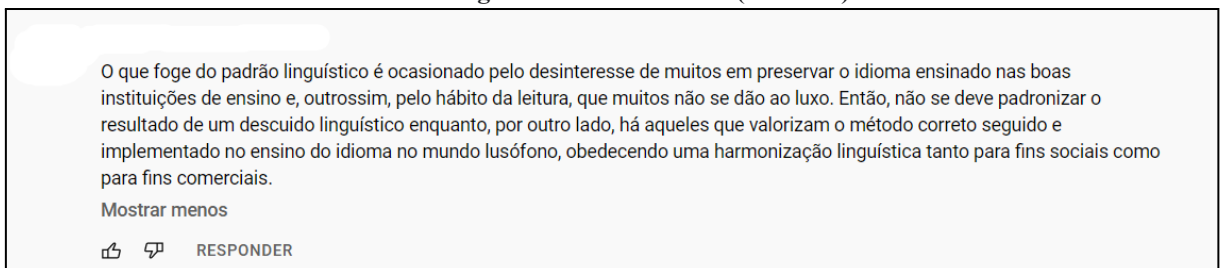
Figura 1 - Comentário 1 (YouTube)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Neste comentário, o(a) autor(a) defende a padronização da gramática e o “falar bem”, ainda alega ser contra a Linguística por querer tirar a noção de certo e errado. O(a) autor(a) demonstra ter conhecimento dos estudos linguísticos acerca da variação linguística dizendo respeitar a variação linguística situacional e socioeconômica, porém, de acordo com sua colocação, só aprende a falar bem quem estuda.

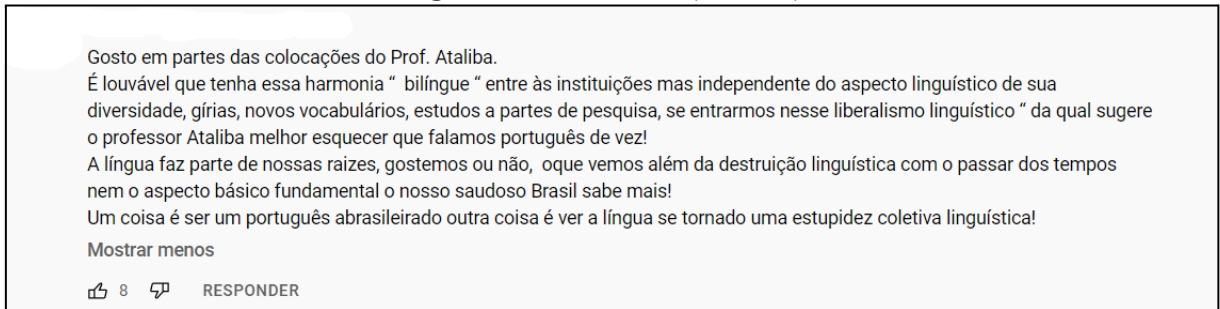
Figura 2 - Comentário 2 (YouTube)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Neste comentário, o(a) autor(a) alega que a variação linguística é ocasionada pelo desinteresse de muitos em preservar o idioma ensinado nas instituições de ensino, e pela falta do hábito da leitura. Há neste comentário um desconhecimento acerca do que ocasiona a variação linguística. O(a) autor(a) se equivoca ao defender que “não se deve padronizar o resultado de um descuido linguístico” se referindo à variação, pois segundo ele “há aqueles que valorizam o método correto seguido e implementado no ensino do idioma no mundo lusófono”.

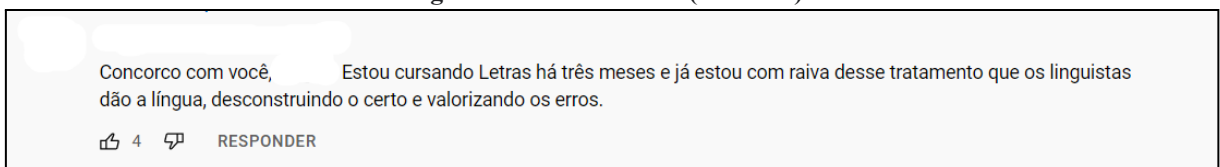
Figura 3 - Comentário 3 (YouTube)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Aqui o(a) autor(a) do comentário chama de “liberalismo linguístico” a abordagem feita pelo professor Castilho acerca da variação linguística, bem como chama de “destruição linguística” as mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo. Além disso, menciona que a língua faz parte das nossas raízes, e argumenta que “nem o aspecto básico fundamental o Brasil sabe mais”. Por fim, apresenta uma distinção totalmente equivocada sobre a variação, defendendo que uma coisa é ser um “português abasileirado”, outra coisa é ver a língua se tornando uma “estupidez coletiva linguística”. O referido comentário ainda foi curtido por mais oito internautas.

Figura 4 - Comentário 4 (YouTube)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Aqui temos o(a) autor(a) desse comentário que se diz estudante do curso superior de Letras, um(a) futuro(a) professor(a) de Língua Portuguesa, ele(a) diz concordar com o autor do comentário anterior, alegando ter “raiva” do tratamento que os linguistas dão à língua, pois desconstroem o certo e valorizam o errado. Podemos supor que este autor, por menos que tenha tido contato com a ciência linguística, ou ainda não tenha entendido de fato as abordagens desse campo do conhecimento, está evidentemente negando-a. O comentário ainda contou com quatro curtidas de outros internautas.

Figura 5 - Comentário 5 (YouTube)

De fato a língua evolui -- mais exato seria dizer "degenera", como o grego, que modernamente perdeu as complexas declinações que tinha, e as crianças as aprendiam por imitação, não necessitavam de gramáticas. Mas esses linguistas querem normatizar cada erro que o Seu Zé da Esquina comete. Na verdade o que eles querem é impedir o acesso dos pobres à alta cultura. Se não é isto que expressamente querem, é este o resultado de suas ações concretas.

👍 4 🗨️ RESPONDER

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Nesse comentário, o(a) autor(a) defende o termo “degeneração” para o fato da evolução das línguas, fazendo comparação com a língua grega. O(a) autor(a) diz que os linguistas normatizam o erro cometido por qualquer pessoa, além de alegar que o que os linguistas querem é impedir o acesso dos pobres ao que o(a) autor(a) chama de “alta cultura”. O referido comentário ainda recebeu quatro curtidas de outros internautas.

Figura 6 - Comentário 6 (YouTube)

Esse negócio de que não tem certo nem errado destrói a língua portuguesa culta, é por isso que a língua portuguesa parece ser tão difícil porque as pessoas falam errado todo tempo sem ter ninguém que há corrija aí as pessoas transferem os erros da fala para a escrita e ainda tem pessoas que dizem que é a riqueza da língua falada ou que é "a língua que está evoluindo" me poupe algumas pessoas dizem que eu sou um preconceituoso linguístico mas não é justo a gente estudar bastante a língua portuguesa para a gramática mudar o tempo inteiro se adaptando língua errada que o povo fala. Dizer "nois vai ou nois vamo, nois foi ou nois fumo nois samo nois", tu vai tu foi agente vamos eu vevo, comendo os R e os S do final das palavras e os D dos verbos no gerúndio ex falan(d)o dizen(d)o in(d)o pon(d)o, erros de prosódia e ortoépia com por ex. Eu fécho, a résma de papel, gratuito, rúim, récorde rúbrica erros no plural das palavras como por ex cidadãos, cristões e etc. E as pessoas que eu já vi falarem assim não foi gente analfabeta forem advogados, professores e políticos. Tudo isso é errado e ainda tem pessoas que insistem em dizer a língua é que está evoluindo isso me dá uma raiva tão grande porque estudo demais para fazer as provas de língua portuguesa e depois vem essas pessoas esses linguistas sei lá o que o que são vocês e dizem ninguém tá errado que todo mundo fala português, só se for o português do quinto dos infernos. Quer saber se escrever assim e certo ou errado, escreva isso na prova do enem, eu acho que é por isso que a língua portuguesa brasileira é tão desvalorizada, os portugueses dizem que a gente sempre dá pontapés na gramática e eu dou razão a eles de fato isso é verdade

Mostrar menos

👍 21 🗨️ RESPONDER

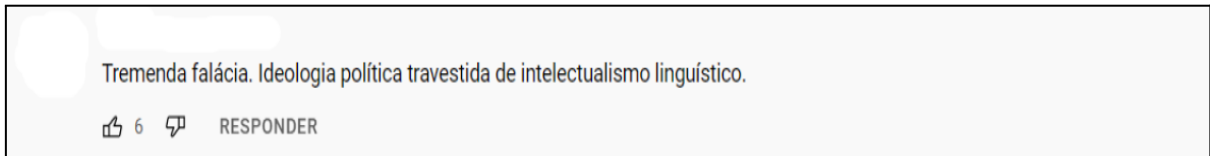
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Neste comentário o(a) autor(a) repudia totalmente a variação da língua alegando que os erros cometidos através da linguagem falada estão sendo transferidos para a escrita. O(a) autor(a) do comentário afirma que a noção de não haver certo e errado na língua destrói o idioma, além de trazer para seu argumento vários exemplos de variação linguística que para ele são erros inadmissíveis encontrados até mesmo, segundo ele(a), no falar de pessoas mais letradas. Além disso, o(a) autor(a) comenta ter aversão quando dizem que a língua está evoluindo, para ele(a) não há evolução e sim erros. O(a) autor(a) também desmerece a profissão dos linguistas fazendo ataques à visão de língua que se pautam os estudos linguísticos.

O(a) autor(a) ressalta que estuda bastante a Língua Portuguesa, porém nota-se em todo o seu comentário muitos erros gramaticais, não sendo condizente com seus argumentos de um

fiel defensor da língua pura, correta e imutável. Uma outra questão que nos chama a atenção, é o número expressivo de curtidas dadas a esse comentário, no total 21 internautas curtiram o comentário deste(a) autor(a), sinalizando que ambas apoiam ou concordam com os argumentos e posicionamentos apresentados acerca da língua.

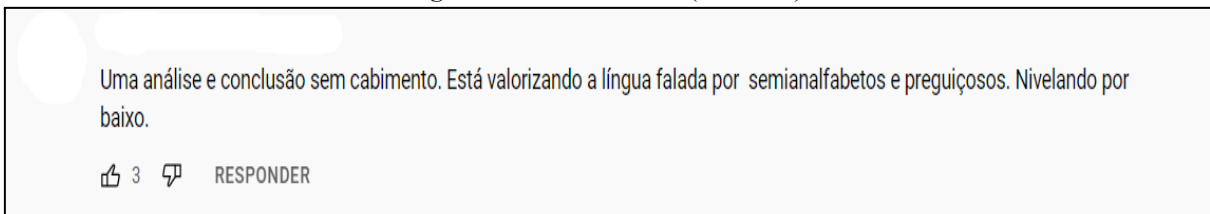
Figura 7 - Comentário 7 (YouTube)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Neste outro comentário vemos novamente a negação das abordagens feitas no vídeo, aqui o(a) autor(a) chama de “falácia” e “ideologia política” a percepção de língua por parte dos estudiosos da linguagem, certamente o autor desconhece o conhecimento produzido pela Linguística e ataca afirmando ser uma “ideologia política” disfarçada de “intelectualismo linguístico”, por não condenar os supostos “erros” da língua falada que na verdade se tratam de variação. O comentário possui seis curtidas de outros internautas.

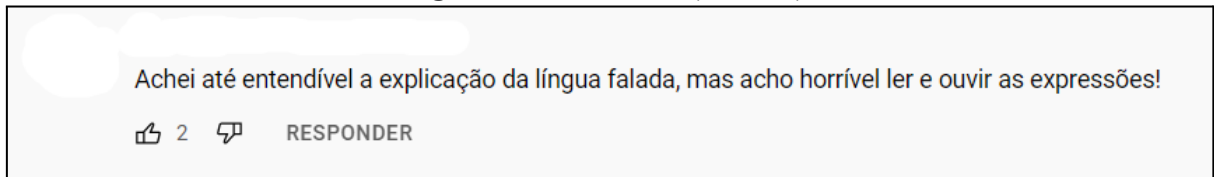
Figura 8 - Comentário 8 (YouTube)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Neste breve comentário o(a) autor(a) nega veementemente toda a abordagem apresentada pelo vídeo, notamos um total desconhecimento da ciência linguística que trata da diversidade linguística. O(a) autor(a) afirma que a análise e conclusão feita pelo vídeo não tem cabimento, e além disso, diz que a abordagem feita por Castilho embasada no conhecimento da variação linguística valoriza a língua falada por semianalfabetos e preguiçosos. O comentário ainda foi curtido por mais três internautas.

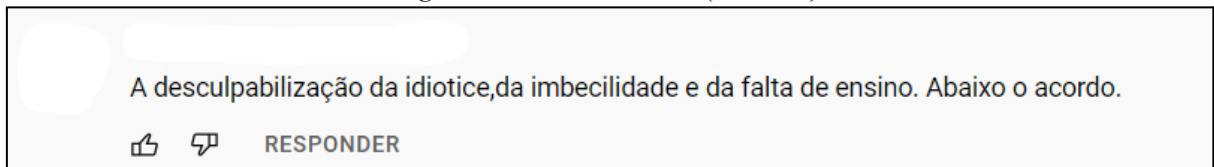
Figura 9 - Comentário 9 (YouTube)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Neste comentário o(a) autor(a) alega ser “entendível” a explicação do vídeo acerca da língua falada, porém acha horrível ler e ouvir as expressões destacadas no vídeo. Há aqui algo interessante para se analisar, pois muitas pessoas entendem o que se propõe analisar a ciência linguística e seus campos de conhecimento, sobretudo as abordagens acerca da diversidade da língua, sua variação e mudanças tão perceptíveis, pois como Castilho revela no vídeo, é possível descrever as regularidades, a língua falada não é caótica, ela abarca a heterogeneidade a criatividade, a simplicidade e a economia. Porém, as pessoas que carregam a noção de língua idealizada pela gramática normativa desprezam as formas variáveis da língua que são estigmatizadas, atribuindo a elas a noção de erro, de expressões horríveis e condenáveis.

Figura 10 - Comentário 10 (YouTube)

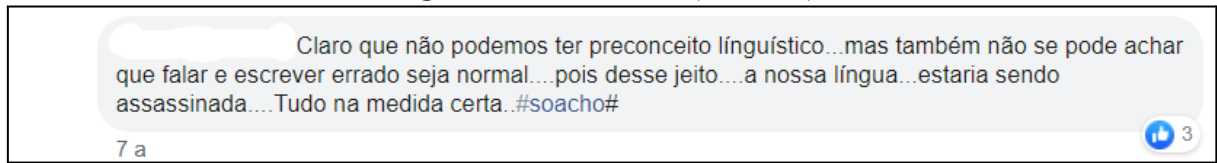


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8>

Nesse comentário o(a) autor(a) rejeita totalmente a abordagem do vídeo, alegando que a variação linguística citada no material está ligada a “idiotice, imbecilidade e falta de ensino” e que a percepção do linguista acerca da variação torna desculpável esse fenômeno, ou seja, o(a) autor(a) afirma que a abordagem do linguista desculpabiliza as expressões que são tidas como incorretas pela gramática, e que portanto, deveriam ser condenadas e não aceitas.

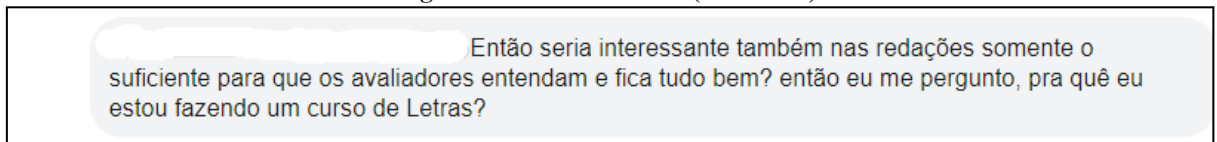
5.2 COMENTÁRIOS VÍDEO 2

No segundo material da série de vídeos do Jornal Hoje *A língua que a gente fala*, reproduzida no *Facebook*, encontramos 9 comentários:

Figura 11 - Comentário 1 (Facebook)

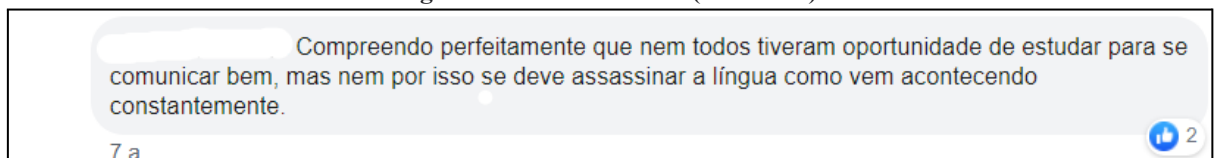
Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Neste comentário notamos que o(a) autor(a) traz ao seu argumento a noção de erro, ele(a) inicia dizendo que não se pode ter preconceito linguístico, mas que não se deve normatizar o falar e escrever errado, pois senão a língua estaria sendo “assassinada”. Aqui vemos novamente a noção de erro, para aqueles que desconhecem os estudos da variação linguística os supostos “desvios” comprometem a língua. Outros três internautas curtiram o comentário.

Figura 12 - Comentário 2 (Facebook)

Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Neste comentário nos deparamos com um questionamento irônico que evidencia o não entendimento daquilo que foi abordado no vídeo, aqui o(a) autor(a) confunde a variação na língua falada com a escrita monitorada pelo fato de indagar se seria interessante usar nas redações somente o suficiente para se entender. Ao concluir, o(a) autor(a) se questiona sobre a finalidade em estar fazendo um curso de Letras, no sentido de aprender a falar e escrever bem. Temos, através deste comentário, a segunda ocorrência de um(a) internauta que se diz ser estudante do curso superior de Letras, mas que se questiona quanto à abordagem científica da língua.

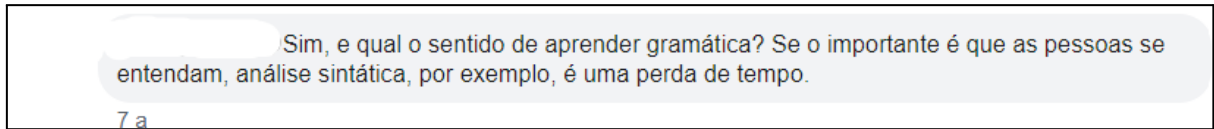
Figura 13 - Comentário 3 (Facebook)

Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Aqui o(a) autor(a) toca na questão do nível de escolaridade destacando que nem todas as pessoas tiveram oportunidade de estudar para “se comunicar bem”, porém argumenta que nem por isso se deve “assassinar” a língua como vem acontecendo. O termo “assassinar” se

remete aos “erros” na visão do(a) autor(a), mas que na verdade são as variações tratadas no vídeo, o que não se encaixa no que o(a) autor(a) denomina “se comunicar bem”.

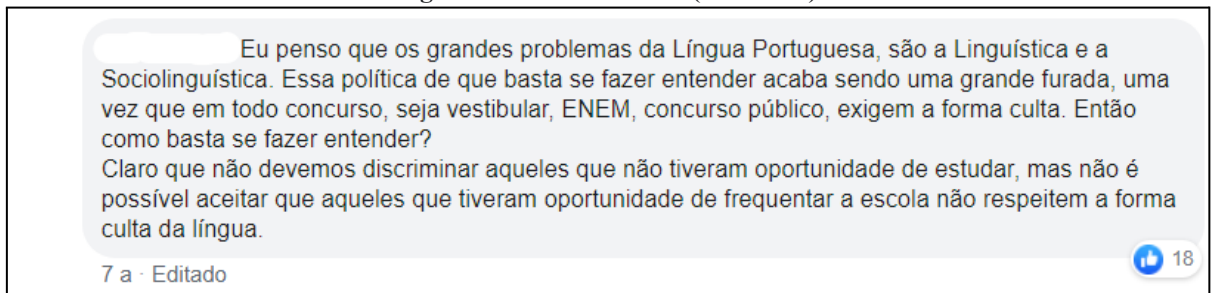
Figura 14 - Comentário 4 (Facebook)



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Nesse comentário, identifica-se que o(a) autor(a) não compreende os estudos linguísticos que abarcam a variação linguística, o(a) autor(a) questiona qual o sentido de aprender gramática se o importante é que as pessoas se entendam. Novamente aparece a noção de língua do senso comum que se resume na gramática, a famigerada confusão entre língua e gramática e a noção de erro atribuída a todo tipo de variação que foge do modelo de língua padrão idealizada. Na colocação do(a) autor(a), é uma perda de tempo aprender gramática se o que importa é a compreensão entre as pessoas. Nesse sentido, o(a) autor(a) do comentário desconhece o objetivo dos estudos acerca da variação linguística, bem como a finalidade de se aprender as regras gramaticais.

Figura 15 - Comentário 5 (Facebook)



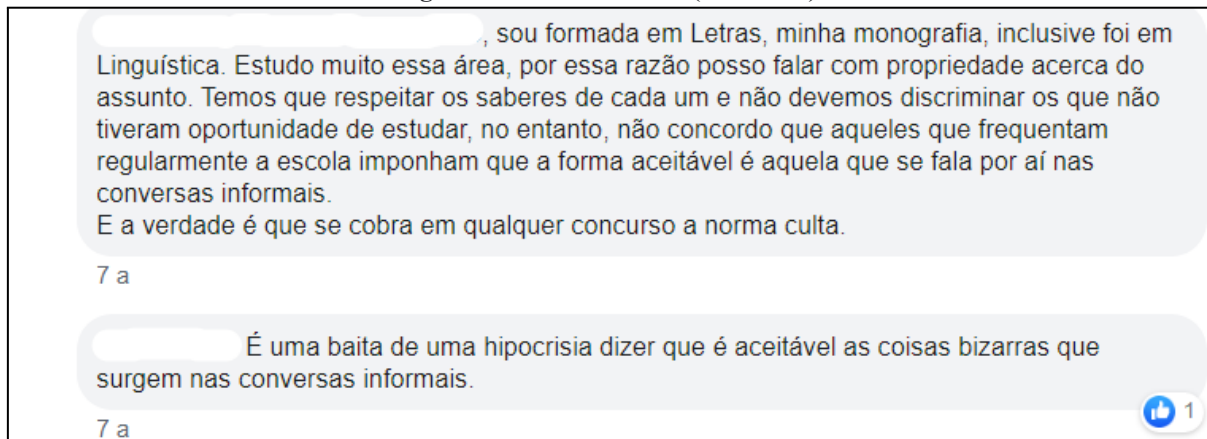
Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

O comentário escrito por esse(a) autor(a) se baseia na percepção de que os “problemas” da Língua Portuguesa são a Linguística e a Sociolinguística. O(a) autor(a) condena a chamada “política de que basta se fazer entender”, alegando que nos concursos e vestibulares o que se exige é a norma culta. Há um grande equívoco, pois o material aborda as questões da língua falada no dia a dia e não as regras da escrita em situações monitoradas. Condenar os estudos linguísticos embasados cientificamente é negar também o conhecimento produzido pela ciência linguística.

O(a) autor(a) defende que não se deve discriminar aqueles que não tiveram oportunidade de estudar, mas condena os que tiveram oportunidade e não respeitam a norma

culta. Nos chama a atenção o número de curtidas depositadas no comentário, 18 internautas curtiram, ou seja, 18 internautas que leram o comentário concordam com a ideia defendida pelo(a) autor(a) condenando a Linguística, bem como a Sociolinguística que trata da diversidade, da variação e da mudança na língua.

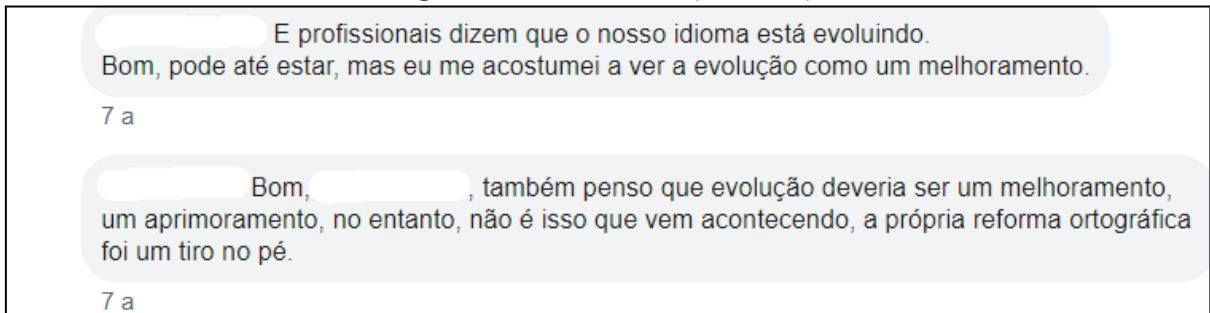
Figura 16 - Comentário 6 (Facebook)



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Aqui encontramos um outro comentário do(a) mesmo(a) autor(a) do comentário anterior, ele(a) alega que é formado(a) em Letras e que já desenvolveu um trabalho na área da Linguística, e que por isso pode falar com propriedade sobre o assunto. Ele(a) defende o respeito e a não discriminação dos que não tiveram oportunidade de estudar, porém não concorda que se valorize como forma aceitável a fala das conversas informais, justificando novamente que nos concursos se cobra a norma culta da língua.

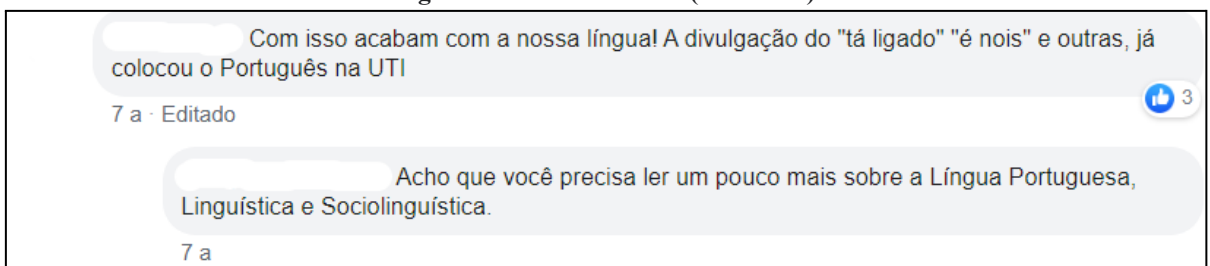
Logo abaixo o(a) autor(a) do comentário declara que é hipocrisia ser aceitável as coisas “bizarras” que surgem nas conversas informais. Nesse caso, nos deparamos com uma negação explícita do conhecimento linguístico, pois a pessoa afirma conhecer a Linguística e seus estudos, porém nega a noção de língua defendida através dos estudos científicos da linguagem. Encontramos através deste comentário a terceira ocorrência de um(a) internauta que diz ter contato com o curso superior de Letras, neste porém, como afirma o(a) autor(a), se trata de um(a) profissional já formado.

Figura 17 - Comentário 7 (Facebook)

Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Nesse comentário, o(a) autor(a) traz a questão da evolução alegando que profissionais dizem que o idioma está evoluindo, porém em sua percepção, a evolução se trata de um “melhoramento”, o(a) autor(a) coloca em dúvida se o que está acontecendo na língua seja uma “evolução”, um “melhoramento”.

Em resposta ao comentário inicial, o comentário seguinte da figura 17 reforça a questão levantada sobre a evolução do idioma, o(a) autor(a) confirma o argumento defendido no comentário anterior, declarando que também pensa que a evolução deveria ser um “melhoramento” e “aprimoramento”, porém defende que isso não vem acontecendo. Nesse sentido, os dois autores alegam explicitamente que o que se abordou no vídeo se trata da deterioração do idioma e não de uma evolução.

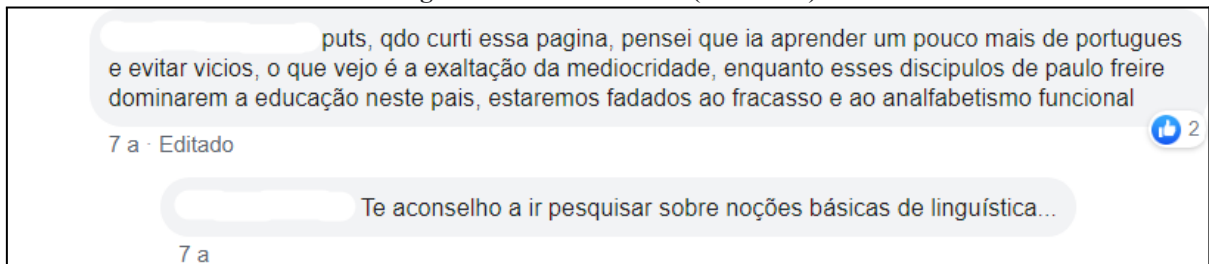
Figura 18 - Comentário 8 (Facebook)

Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Nesse comentário, o(a) autor(a) declara que as gírias abordadas e divulgadas no vídeo já colocaram o português na “UTI”, alegando que com isso estão acabando com a língua. O comentário ainda recebeu três curtidas, sendo apoiado por mais três internautas.

Em contrapartida, o comentário em resposta a este percebe que há o desconhecimento acerca das abordagens dos estudos linguísticos, então convida o(a) internauta a ler mais sobre a Língua Portuguesa, bem como a Linguística e a Sociolinguística.

Figura 19 - Comentário 9 (Facebook)



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/dalinguaportuguesa/posts/895630730457856/>

Por fim, neste último comentário o(a) autor(a) faz uma crítica à página que compartilhou o material, ele(a) diz que curtiu a página pensando em aprender um pouco mais de português a fim de “evitar vícios”, mas alega ter encontrado a “exaltação da mediocridade”, além de alegar que os estudiosos da linguagem são “discípulos de Paulo Freire” e enquanto esses dominarem a educação do país, a população estará fadada ao “fracasso e ao analfabetismo funcional”. Evidentemente se trata de um internauta que desconhece o objetivo dos estudos linguísticos e que não entendeu a finalidade do vídeo nem a intenção da página em fazer a divulgação desse material. Observamos também, que o comentário recebeu duas curtidas, o que nos revela que mais dois internautas compartilham das mesmas ideias defendidas pelo(a) autor(a).

Na sequência também destacamos um comentário em resposta a esse, aconselhando o(a) autor(a) a pesquisar sobre a Linguística, ou seja, o segundo comentário o convida a conhecer melhor os estudos científicos acerca da linguagem.

5.3 ANÁLISE DAS REGULARIDADES

Diante da apresentação dos comentários selecionados, destacamos as regularidades presentes em suas construções no nível da argumentação, evidenciando as razões que os autores utilizaram para condenar o conteúdo dos vídeos do ponto de vista do desconhecimento das abordagens e da negação. Nesse sentido, podemos subdividir os comentários analisados entre: os que desconhecem a ciência linguística; e aqueles que a conhecem, porém a negam.

A concepção de certo e errado na utilização da língua está presente em praticamente todos os comentários, tanto aos que desconhecem a abordagem científica da linguagem quanto aos que a negam por já a conhecerem. Tal concepção de língua se fundamenta no ensino gramatical tradicional através da defesa constante do purismo linguístico de uma língua idealizada e exaltada como elegante e correta.

Nos que desconhecem a Linguística e suas abordagens acerca da língua encontramos a noção de erro atribuída à variação tratada pelos materiais, no sentido que os autores apontam que a diversidade e a variação linguística se caracterizam como “erros” e “desvios” que degradam e destroem o idioma, por essa razão, na maioria desses comentários, notam-se manifestações em prol da preservação do idioma contra os “erros” que o destroem e que devem ser inaceitáveis. É o que se nota em construções como:

(Fig. 6) *“Esse negócio de que não tem certo nem errado destrói a língua portuguesa culta.”*

(Fig. 9) *“Achei até entendível a explicação da língua falada, mas acho horrível ler e ouvir as expressões.”*

(Fig. 11) *“[...] não se pode achar que falar e escrever errado seja normal... pois desse jeito... a nossa língua... estaria sendo assassinada.”*

(Fig. 18) *“Com isso acabam com a nossa língua! A divulgação do ‘tá ligado’, ‘é nós’ e outras, já colocou o português na UTI.”*

Na mesma linha desses comentários, ainda destacamos que em alguns comentários há a noção de erro relacionada à falta de estudos, em construções que o autor argumenta que só quem estuda consegue falar bem, bonito e do jeito certo:

(Fig. 8) *“Uma análise e conclusão sem cabimento. Está valorizando a língua falada por semianalfabetos e preguiçosos. Nivelando por baixo.”*

(Fig. 13) *“Compreendo perfeitamente que nem todos tiveram oportunidade de estudar para se comunicar bem, mas nem por isso se deve assassinar a língua como vem acontecendo constantemente.”*

Também se notam comentários que atacam a Linguística e seus profissionais diante de um claro desconhecimento daquilo que a ciência linguística se propõe a defender. Neste contexto destacam-se comentários em que os autores classificam as abordagens dos vídeos, a ciência linguística, bem como o processo de variação como: (Fig. 3) *“liberalismo linguístico”, “estupidez coletiva linguística”*; (Fig. 7) *“ideologia política travestida de intelectualismo linguístico”*; (Fig. 8) *“uma análise e conclusão sem cabimento”*; (Fig. 10) *“desculpabilização da idiotice, da imbecilidade e da falta de ensino”* e (Fig. 19) *“exaltação da mediocridade”*.

Destacam-se também as manifestações contrárias às abordagens linguísticas do vídeo direcionadas aos profissionais linguistas que são vistos como aqueles que normatizam o erro quando abordam os estudos da ciência da linguagem sobretudo no que se refere aos estudos da variação:

(Fig. 4) *“Estou cursando Letras há três meses e já estou com raiva desse tratamento que os linguistas dão a língua, desconstruindo o certo e valorizando os erros.”*

(Fig. 5) *“Mas esses linguistas querem normatizar cada erro que o Seu Zé da esquina comete. Na verdade o que eles querem é impedir o acesso dos pobres à alta cultura.”*

(Fig. 6) *“[...] vem essas pessoas esses linguistas sei lá o que são vocês e dizem ninguém tá errado que todo mundo fala português, só se for o português do quinto dos infernos.”*

Por fim, se revelam comentários que negam explicitamente a Linguística e a Sociolinguística, esses comentários foram registrados por autores que demonstram ter conhecimento da ciência da linguagem, porém negam sua importância e legitimidade, tentando desvalorizar e invalidar todo o conhecimento já construído por essa importante ciência:

(Fig. 1) *“[...] Sou completamente contra isso da linguística de querer tirar a noção de certo e errado que a norma culta impõe.”*

Nota-se que neste comentário o autor possui um certo conhecimento sobre a sociolinguística quando anteriormente diz respeitar a variação situacional e socioeconômica, porém leva apenas em consideração a percepção errônea de que a linguística relativiza o “erro”. Em outro comentário vemos um(a) internauta que diz ser formado(a) em Letras e conhecedor da linguística:

(Fig. 15) *“Eu penso que os grandes problemas da Língua Portuguesa, são a linguística e a sociolinguística. Essa política de que basta se fazer entender acaba sendo uma grande furada [...] não é possível aceitar que aqueles que tiveram oportunidade de frequentar a escola não respeitem a forma culta da língua.”*

(Fig. 16) *“Sou formada em Letras, minha monografia, inclusive foi em Linguística. Estudo muito essa área, por essa razão posso falar com propriedade acerca do assunto. [...] Não concordo que aqueles que frequentam regularmente a escola imponham que a forma aceitável é aquela que se fala por aí nas conversas informais.”*

(Fig. 16) *“É uma baita de uma hipocrisia dizer que é aceitável as coisas bizarras que surgem nas conversas informais.”*

Diante desse tipo de comentário, é evidente a negação do conhecimento da ciência da linguagem, se caracterizando como um discurso negacionista que desvaloriza todo um trabalho firmado na ciência que busca descrever, analisar e compreender as manifestações e os fenômenos da língua que são tão diversos e variáveis. Nesse sentido, não se trata de um mero desconhecimento da ciência da linguagem, é evidente que para os autores dos

comentários das figuras 15 e 16 existe um conhecimento apurado da Linguística e da Sociolinguística por serem profissionais licenciados em Letras.

Não tem sentido defender um formato ideológico da língua sobre a ótica da gramática tradicional, a língua vai muito além da gramática e suas regras, e a Linguística não surgiu com o objetivo de relativizar o erro ou instaurar o liberalismo linguístico como alguns a rotulam, ela apenas nos revela a verdadeira face da língua por meio daquilo que circula através da comunicação dos falantes: sua heterogeneidade, mutabilidade e criatividade por parte daqueles que a dominam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a analisar as ocorrências de preconceito linguístico presente em comentários de materiais divulgados na *internet* que tratam da variação linguística no português brasileiro, a fim de identificar suas regularidades e sua manifestação frente à abordagem do conhecimento científico da língua(gem). Através da análise e extração das regularidades desses comentários, verificou-se a questão do desconhecimento científico da linguagem por parte de alguns autores dos comentários, e confirmou-se a hipótese da presença do negacionismo acerca da ciência da linguagem em certos comentários.

Através da exposição e análise do *cópus* foi possível evidenciar o preconceito e a intolerância contra a linguagem popular utilizada no dia a dia dos brasileiros, bem como a negação da Linguística como ciência da linguagem que estuda os fenômenos da língua. Além disso, é evidente a intolerância dispensada contra os linguistas, desmerecendo o trabalho desses profissionais da linguagem.

Ainda existem, e em grandes quantidades, indivíduos que desmerecem, questionam, atacam e negam o conhecimento científico acerca da diversidade, da variação e mudança na língua. Percebe-se que a noção normativa-prescritivista da língua ensinada no período escolar é tida como única, verdadeira e intocável, e o que foge do padrão é inaceitável, sendo considerados erros e desvios que degradam o idioma.

Destaca-se também, o desconhecimento daquilo que a ciência linguística é e de suas abordagens acerca dos fenômenos da língua. Nesse sentido, é fundamental que os trabalhos realizados pelos linguistas, bem como as pesquisas, métodos e teorias da ciência da linguagem ganhem maior visibilidade através dos meios de comunicação e interação, sendo disseminada e altamente conhecida e assim reconhecida pelo público leigo, a fim de que a Linguística e seus profissionais sejam respeitados e valorizados por aquilo que são e pelos valiosos estudos acerca da linguagem humana.

No entanto, algo preocupante que propomos evidenciar neste trabalho é a questão do que chamamos de negacionismo, evidente em certos comentários analisados, há por parte de algumas pessoas o conhecimento da Linguística e de suas abordagens, bem como o conhecimento da atuação do profissional desta área, porém há uma negação explícita de todo esse conhecimento juntamente com ataques infundados que desvalorizam e depreciam a Linguística como ciência e a figura do linguista como profissional.

Para o desenvolvimento do trabalho, nos fundamentamos nos conceitos de preconceito linguístico de Marcos Bagno (2015) e Scherre (2005), e de abordagens com ênfase na área da

Sociolinguística, através da mobilização dos autores Alckmin (2012), Mollica e Braga (2013), Coelho *et. al* (2015), entre outros, de modo a apresentar esta importante área do conhecimento linguístico que contribui para o combate do preconceito linguístico, assim como a linguística através de sua abordagem científica acerca dos assuntos da língua(gem). Nesse sentido, destacamos o que Bagno (2015, p. 239) ressalta:

A linguística moderna, ao encarar a língua como um objeto passível de ser analisado e interpretado segundo métodos e critérios científicos, devolveu a língua ao seu lugar de *fato social*, abalando as noções antigas que apresentavam a língua como um *valor ideológico*. Assim, a linguística, como toda ciência, é o lugar das surpresas, das descobertas, do novo, da substituição de paradigmas, da reformulação crítica das teorias.

Diante disso, o trabalho pretendeu apresentar algumas regularidades presentes nos discursos preconceituosos acerca da linguagem popular presente no falar espontâneo dos brasileiros, mesmo diante de abordagens com contribuições científicas acerca do assunto, os comentários revelaram uma certa resistência em aceitar, compreender e reconhecer a atuação da Linguística e seus profissionais que se ocupam da investigação da linguagem humana nas mais diversas formas de manifestação. Também se evidencia através dos comentários o preconceito social, dada que as formas de variação linguística destacadas nos materiais são de falantes simples, da população menos favorecida e prestigiada. Além disso, se evidencia o purismo linguístico na tentativa frustrada de falantes mais escolarizados em defender a “preservação do idioma” e da forma culta aprendida na escola como modelo correto de fala e da escrita.

Conhecidas as raízes do preconceito linguístico e dos ataques que buscam deslegitimar a Linguística e suas áreas de abordagem como ciência da linguagem, é necessário buscar combatê-los e isso deve ser feito e trabalhado desde o ensino básico quando os aprendizes chegam à escola com sua linguagem familiar já adquirida e se deparam com uma outra língua fundamentada no ensino normativo e prescritivista da gramática tradicional. Nesse sentido, se faz necessário apresentar ao aprendiz o verdadeiro sentido em aprender as normas gramaticais, bem como a norma culta da língua cobrada em certas situações, mas sem desvalorizar e excluir a linguagem trazida pelo aluno como sua particularidade e identidade.

Além disso, é essencial difundir cada vez mais o conhecimento produzido pela ciência da linguagem, de modo que o público leigo conheça e entenda que há uma área de estudos que se ocupa em descrever, analisar e estudar a língua e a linguagem de uma forma geral,

abrangendo os mecanismos e seus fenômenos sem restrições e ideologias, pautada nas abordagens e métodos científicos.

É necessário ainda desconstruir a concepção de que a língua se resume na gramática, de que existe certo e errado, de que é difícil aprender português ou de que o brasileiro não sabe português e que a língua é uniforme e homogênea. Todas as línguas apresentam diversidade e variabilidade, e isso não é um problema, é uma grande riqueza que deve ser antes de tudo respeitada e compreendida. É preciso desconstruir a ideia de que a Linguística relativiza o erro e de que a variação linguística destrói e corrompe a boa língua. O que a Linguística defende é a noção de adequado e inadequado, há situações em que devemos utilizar a língua conforme o contexto situacional tanto da fala como da escrita.

Mais uma vez é necessário frisar: não defendemos o fim do ensino gramatical, pelo contrário, é necessário aprender as regras gramaticais e utilizá-las nos momentos adequados em que são cobradas, o que se defende neste trabalho é o fim da intolerância e do preconceito linguístico praticado contra as variedades presentes na língua, bem como os julgamentos e ataques praticados contra a ciência da linguagem que na maioria das vezes ocorre em razão do desconhecimento e muitas vezes pela negação através da deslegitimação dessa ciência, algo que procuramos evidenciar através desta pesquisa.

Defendemos, portanto, a difusão da ciência da linguagem, a Linguística, e o seu reconhecimento por parte de toda a população como um campo legítimo do conhecimento científico, instigante e fascinante como qualquer outro, que visa compreender melhor os mistérios e as sutilezas da língua.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. Entrevista com Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito linguístico, variação linguística e ensino. **Revista Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário, Rio de Janeiro**, n. 36, p. 11-26, 2008.
- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística I**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- AMARAL, Inês. Redes sociais na internet: sociabilidades emergentes. 2016.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 238 p. (Educação Linguística; 1).
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Evolução dos estudos linguísticos. **Revista Práticas de linguagem**, v. 4, n. 2, 2014.
- DA SILVA CABRAL, Marina. Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística. **uox-Revista Acadêmica de Letras-Português**, v. 1, n. 2, p. 85-93, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. Parte I. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística III**. Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 27-52.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FASOLO PIVARO, Gabriela; GIROTTO JÚNIOR, Gildo. Qual ciência é negada nas redes sociais? Reflexões de uma pesquisa etnográfica em uma comunidade virtual negacionista. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 27, n. 1, 2022.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FIORIN, José Luiz. (Org.). **Linguística? O que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. Sociolinguística. **São Cristóvão: Cesad-UFS**, 2010.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0 – junho de 2009. Copyright © 2009. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva Ltda.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente**. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 227 p.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Lingu@ gem**, v. 3, n. 2, p. 18-35, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 200 p.

MURAD, Carla Regina Rachid Otavio. O funcionalismo e o gerativismo: principais características e expoentes. **Nucleus**, v. 8, n. 2, p. 1-8, 2011.

NEGACIONISMO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/negacionismo>>. Acesso em: 21 jul. de 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PESQUISA FAPESP. Quando se trata de português falado, não existe certo e errado. YouTube, 31 de out. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBgPrp8&t=9s>>. Acesso em: 20 maio de 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Org.); RIEDLINGER, Albert (Colab.). **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005. 159 p.

VESCHI, Benjamin. Etimologia de ciências formais e informais.. **Etimologia origem do conceito**, 2019. Disponível em: <<https://etimologia.com.br/ciencias-formais-informais/>>. Acesso em: 14 jul. de 2022.

VILELA, Mariana Lima; SELLES, Sandra Escovedo. É possível uma Educação em Ciências crítica em tempos de negacionismo científico?. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1722-1747, 2020.

ZIMMERMAN, Ana. Série do Jornal Hoje aborda a língua portuguesa coloquial falada nas ruas. **Jornal Hoje**, 18 mar. 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>. Acesso em: 21 maio de 2022.